



CRB

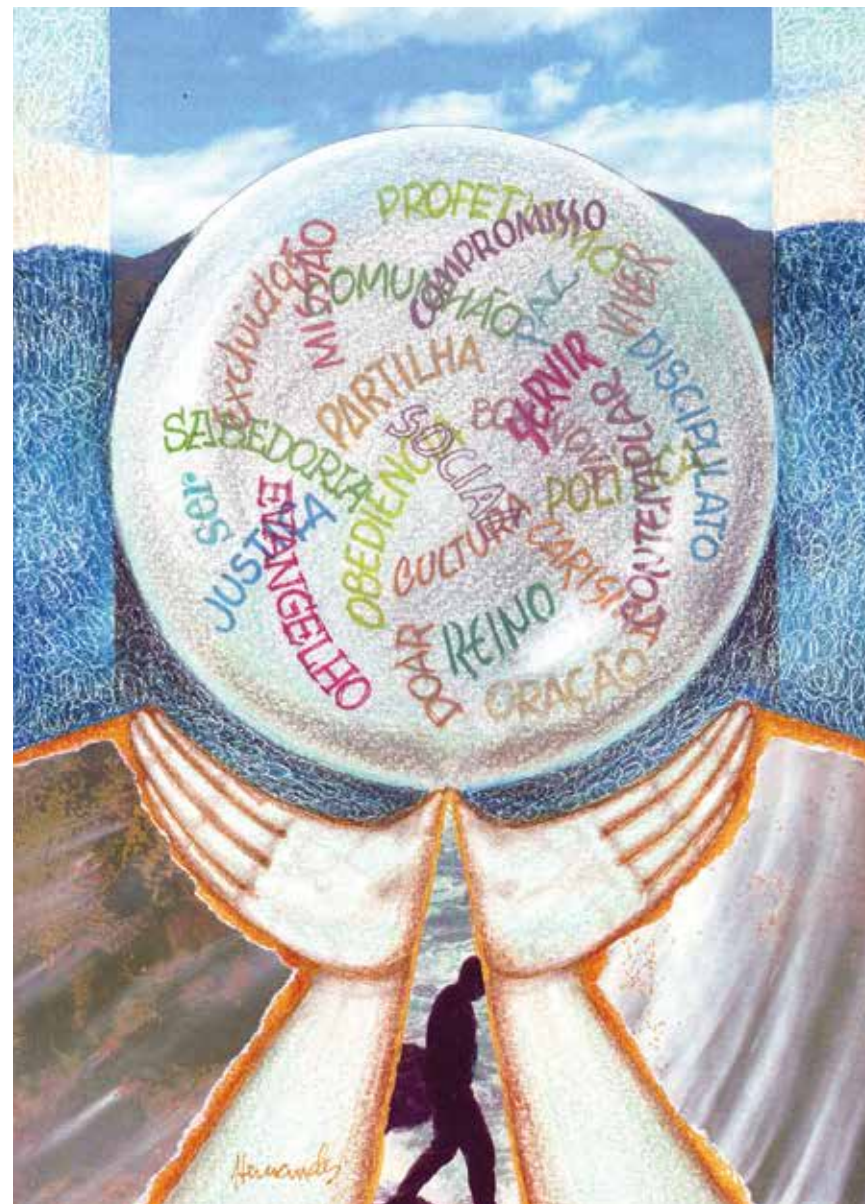
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- O acompanhamento espiritual: seus desafios e possibilidades hoje
- Novas mídias e vida comunitária
- Ano Mariano Marista
- “E agora, José?”
Homenagem ao Pe. José Comblin

MAIO 2011 • XLVI • n° 441

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

Saudade, espiritualidade, modernidade..... 185

Informes

Ano Mariano Marista 188

Projeto Igreja Solidária do Brasil e Igreja do Haiti. Páginas desta história..... 196

“E agora, José?”

Homenagem ao Pe. José Comblin

EDEGARD SILVA JÚNIOR200

Arte e Cultura

As redes sociais: risco e possibilidade

PLUTARCO ALMEIDA.....206

Artigos

O acompanhamento espiritual: seus desafios e possibilidades hoje

ADELSON ARAÚJO DOS SANTOS209

Novas mídias e vida comunitária

GILDÁSIO MENDES 222



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitorio, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2011: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40



CRB

CONVERGÊNCIA

“A revista das religiosas e religiosos do Brasil”

RENOVAÇÃO DE ASSINATURAS

ASSINATURAS NOVAS

PREÇO DE 2010

ÚLTIMA CHANCE

Prezado(a) assinante:

A previsão é de que tenhamos que reajustar a assinatura da Revista Convergência antes do final deste primeiro semestre!

Para aproveitar ainda o preço antigo (R\$ 84,00), o meio mais rápido é o depósito bancário:

BANCO DO BRASIL

AG 1230-0

C/C 306 934-6

Após efetuar o depósito, por favor, envie por fax (61 3225-3409) ou e-mail convergencia@crbnacional.org.br o comprovante de pagamento, juntamente com os dados completos do assinante (ainda que seja assinante antigo!).

Caso o assinante prefira imprimir o seu BOLETO no site, faça-o o mais breve possível para não perder a promoção!

Se a sua Congregação já é nosso assinante, verifique se os seus dados estão atualizados em nosso cadastro.

Entre em contato por telefone ou e-mail para saber!

CORREIOS COM PROBLEMAS

A Empresa Brasileira dos Correios está passando por dificuldades na entrega de correspondências. Por isso, eventualmente, pode haver atrasos também com relação à entrega da Convergência e/ou dos recibos solicitados pelos nossos assinantes!

Qualquer dúvida ou reclamação, comunique-se conosco!

Mais uma vez chegamos às suas mãos e aos seus olhos querida irmã, estimado irmão. *Convergência*, graças ao Bom Deus, vai-se consolidando, ano após ano, como “a revista das religiosas e dos religiosos do Brasil”. E não apenas do Brasil, mas também de alguns países da América Latina, da Europa e, sobretudo, da África, onde é muito apreciada pelas missionárias e pelos missionários que lá trabalham em função do Reino.

Nosso editorial traz a lembrança do Padre José Comblin, amado irmão e companheiro de tantas jornadas da Vida Religiosa Consagrada no Brasil. Ele agora vive a Páscoa em plenitude, junto ao Pai do céu, mas deixou para nós uma bonita lição de vida e de amor aos empobrecidos, os preferidos de Deus. Apesar de não pertencer a nenhuma Congregação religiosa ou Instituto de Vida Consagrada, Comblin, durante muito tempo, foi um grande colaborador da revista *Convergência*, deixando em suas páginas farto e rico material que ainda pode (e deve) ser refletido, meditado, rezado até. A homenagem que prestamos a ele foi escrita pelo seu ex-aluno de Teologia, Padre Edegard Silva Júnior, ms, presidente da CRB Regional de Salvador (BA e SE).

E já que estamos no mês de maio, tradicionalmente dedicado ao louvor de Nossa Senhora, na seção “Informes” abrimos espaço para a família marista (Irmãos, Irmãs, Padres, Leigos e Leigas), que está realizando em 2011 o “Ano Mariano Marista”. A iniciativa conta com o apoio decisivo da CRB Nacional e toda a programação é aberta à

participação das religiosas e dos religiosos do Brasil, especialmente lá onde existe alguma presença dos(as) maristas.

Trazemos ainda nesta seção o testemunho vibrante das irmãs missionárias que estão vivendo no Haiti, ajudando a concretizar o projeto da CRB em parceria com a CNBB através do Conselho Missionário. Assim, com a apresentação da nossa assessora executiva da CRB Nacional encarregada do acompanhamento desse projeto, Ir. Antonia Mendes Gomes, ndc, de próprio punho essas religiosas escrevem, não apenas para agradecer pelo apoio das várias Congregações envolvidas no projeto Haiti, mas também para animar toda a Vida Religiosa Consagrada no Brasil. A missão no Haiti não é propriedade de ninguém, mas sim um compromisso missionário que deve ser assumido corajosa, profética e alegremente por todas e todos os que se consagraram a Deus para servir humildemente os mais humildes, seja lá em que parte for.

A revista traz ainda, na seção (provisória, por enquanto) “Arte e Cultura”, uma breve reflexão sobre “As redes sociais: risco e possibilidade”. Trata-se de um material muito simples sobre um assunto não tão simples assim, é claro. Quem sabe as comunidades religiosas, especialmente as casas de formação, possam, a partir daí, começar uma reflexão mais séria e responsável sobre este tema que, afinal de contas, é mais do que atual, necessário e urgente.

Os dois artigos do mês tratam dos temas acompanhamento espiritual e comunicação social, especificamente da relação entre as novas tecnologias da comunicação e a Vida Religiosa.

O primeiro artigo foi escrito pelo Padre Adelson Araújo dos Santos, sj, jovem teólogo e professor da FAJE – Faculdade de Filosofia e Teologia da Companhia de Jesus em Belo Horizonte-MG. Trata-se de um assunto de extrema importância para a Vida Religiosa Consagrada, uma vez que os jovens que entram hoje em nossas casas de formação são muito mais exigentes do que no passado. Esses jovens trazem para o(a) formador(a) uma série de questões que não podem ser resolvidas de maneira simplória. Pelo contrário,

os formandos e as formandas necessitam de um acompanhamento cada vez mais personalizado, com maior atenção, com maior capacidade de discernimento, e que tragam, de fato, novas luzes para sua caminhada na fé.

Já o Padre Gildásio Mendes, sdb, doutor em Comunicação, traz para os nossos leitores e leitoras um apurado estudo sobre as novas mídias, fruto das tecnologias da comunicação que a cada momento invadem nosso cotidiano, trazendo os seus benefícios, mas também os seus pontos questionáveis. Ele contextualiza historicamente o assunto para mostrar a radicalidade das mudanças que ocorrem atualmente:

A internet é, sem dúvida, um dos fatores de maior incidência na mudança de comportamento e atitudes das novas gerações. Alguns autores sugerem que a internet e as novas tecnologias de informação inauguraram uma nova revolução na história, assim como aconteceu com a Revolução Industrial. A geração que iniciou essa nova era é chamada de Geração Y.

Tal artigo poderá servir de estímulo, quem sabe, para que as nossas comunidades religiosas, em particular aquelas onde convivem diferentes gerações, comecem a discutir o tema com maior profundidade. Aliás, as prioridades da CRB para o triênio 2010–2013 afirmam ser necessário “ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações” (prioridade 4) e “aprofundar o conhecimento da realidade juvenil” (prioridade 5).

Daqui para frente já não será mais possível realizar isso sem tomar conhecimento do que pensa, do que faz, do que almeja a “Geração Y”.

Que as alegrias da Páscoa revitalizem em cada religiosa e em cada religioso “a paixão por Jesus e seu Reino”, nossa prioridade número 1.

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

Apresentação

Neste ano de 2011, de modo muito especial, os Maristas do Brasil, com sua família – Irmãos, Irmãs, Padres, Leigos e Leigas –, estão unidos em oração e com o compromisso de promover atividades que destaquem Maria por tudo o que ela representa na Igreja. Nesse sentido, nasce o Ano Mariano Marista, mobilização como gesto de compromisso e agradecimento a Maria, ao mesmo tempo que manifesta ao Brasil o rosto materno da Igreja e o coração feminino à luz dos ideais evangélicos. O Ano Mariano é uma iniciativa da União Marista do Brasil (UMBRASIL), coordenado pela Área de Vida Consagrada e Laicato – Comissão de Espiritualidade e Patrimônio Maristas, planejado pelo Grupo de Trabalho “Ano Mariano”. O acontecimento transcorrerá no período de 25 de março a 8 de dezembro de 2011.

Desde o início do Cristianismo, Maria tem desempenhado papel central nas comunidades e em tantas pessoas que, sensibilizadas pela mensagem de Jesus, sentem-se chamadas a uma vida nova. Os Maristas encontram em Maria um modelo perfeito de discípula e seguidora do Senhor.

Discípula e missionária,² Maria inflama a Igreja em sua missão de anunciar Jesus Cristo e a Boa-Nova apregoada por ele. No tocante a isso, Maria ocupa lugar especial na doutrina e na liturgia. É de notar também que a Igreja reconhece na pessoa de Maria e no seu testemunho de vida a realização da vontade de Deus.

O modo simples e livre de cumprir a vontade do Pai faz de Maria uma presença contínua junto ao Povo de Deus.

1. Texto escrito pelo Grupo de Trabalho “Ano Mariano” da Área de Vida Consagrada e Laicato da UMBRASIL. Revisado e ampliado pelo Irmão Lúcio Gomes Dantas, fms, doutorando em Educação na Universidade de Brasília (UnB) e professor do curso de Pedagogia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

2. CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5. ed. São Paulo: CNBB/Paulinas/Paulus, 2008. p. 123.

Sob vários títulos e matizes, Maria é retratada nas diversas culturas como companheira, inspiração, força para acolher a realidade da vida e lutar para sua transformação.

Os fundadores das Congregações que formam a Sociedade de Maria – João Colin, fundador da Sociedade de Maria, os Padres Maristas (1816); Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas (1817); e Jeanne-Marie Chavoïn, fundadora das Irmãs Maristas (1824) –, encontraram na pessoa de Maria a inspiração e o modelo para o projeto que Deus lhes confiou. A inspiração brotou da experiência afetiva e filial com Maria a partir do seio familiar. Para eles, Maria foi o caminho privilegiado para chegar a Jesus Cristo e cumprir a sua vontade. Essa experiência os moveu a iniciar as Congregações dos Irmãos, das Irmãs e dos Padres Maristas. Eles viram em Maria o modelo de entrega, de doação e de cuidado aos filhos e filhas de Deus.

No XXI Capítulo Geral dos Irmãos Maristas, celebrado em Roma de 8 de setembro a 10 de outubro de 2009, a força extraordinária de Maria novamente se fez presente: “Maria entrou pela porta central da sala capitular”, diziam os participantes. Isso mesmo! Maria não precisou pedir licença. A sala capitular era o seu lugar de direito. Como Primeira Superiora do Instituto Marista, cabia-lhe também a condução do processo de discernimento da vontade de Deus para o futuro do Instituto Marista. Maria o fez bem, pois Deus não somente deixou claro o que esperava dos Maristas como confiou a ela a missão de acompanhá-los nesse exigente itinerário de conversão: “Com Maria, ide depressa para uma nova terra”, eis o apelo do XXI Capítulo Geral.

Esse apelo permite que nos sintamos impulsionados por Deus a favorecer o nascimento de uma nova época para o *carisma* e a *missão* maristas. Somos convidados a acolher Jesus, com seus mais diversos rostos, e partir para uma ação missionária, como peregrinos revigorados pelo Espírito que nos impulsiona ao ineditismo, ao altruísmo e ao profetismo. Isso pressupõe disposição interior para assumir um itinerário de conversão, tanto pessoal quanto institucional, nos próximos anos.

Tal observação levou a UMBRASIL, por conseguinte, a estabelecer o Ano Mariano Marista na perspectiva de reavivar a presença de Maria na vida dos Maristas brasileiros, contribuindo ainda para o resgate do perfil mariano da Igreja. Outros objetivos, no entanto, complementam as motivações: oferecer uma visão renovada de Maria, centrada em Jesus Cristo, em sintonia com o Concílio Vaticano II, em diálogo com o mundo contemporâneo, e favorecer o cultivo da mística e da espiritualidade marianas nos espaços de *missão marista* no Brasil, em comunhão com a Igreja.

No limiar da celebração dos bicentenários das fundações da Sociedade de Maria (1816) e dos Irmãos Maristas (1817), Deus nos pede uma renovação pessoal e institucional.³ A celebração do Ano Mariano Marista é um convite a abrir o coração a Deus e deixar-se tocar pelas realidades gritantes de tantas pessoas e a descobrir o lugar⁴ e o sentido de Maria em nossas vidas. É uma grande oportunidade para iniciar um caminho de conversão. O mundo novo começa no coração novo (cf. Ez 36,26) de cada Irmão, Irmã, Padre, Leiga e Leigo marista, todos chamados a revelar pela vida o rosto mariano da Igreja ao mundo.

Ao acolher Jesus, Maria vai às pressas até Isabel

Há de se percorrer o itinerário de fé com Maria, guia e companheira. Ela, Nossa Boa Mãe, toda ternura, toda misericórdia; sinal de contradição e exemplo de coragem, caminha conosco. É nossa força e fonte de inspiração.

Ir para novas terras significa sairmos do lugar já conhecido e ousarmos percorrer outras mais instigantes, povoadas de pessoas que ainda esperam ser encontradas e amadas. Significa viver a vida firmemente arraigada no Evangelho. Vida que promova a contínua e crescente vitalidade do carisma marista no mundo de hoje.

A nova terra é o lugar em que Deus nos convida a discernir e a construir. Para realizá-la, é preciso inspirar-nos em Maria da Visitação, levantar-nos e ir depressa à região

3. UMBRASIL. *Conclusões do XXI Capítulo Geral*. Edição especial do documento. Brasília, 2009. p. 7-8.

4. SAMMON, Séan. *Em seus braços ou em seu coração. Maria, nossa Boa Mãe, Maria, nossa fonte de renovação*. Circulares do superior-geral dos Irmãos Maristas. Roma, 2009. p. 13.

montanhosa (cf. Lc 1,39). As montanhas são o lugar onde estão os necessitados, os pequeninos, o lugar da esperança e do encontro com Deus. É lá que está Isabel. É para lá que Maria, grávida de Jesus, se dirige com pressa, sem medo e com plena confiança no seu Senhor.

O encontro de Maria com Isabel é tomado de profunda alegria. Ao ouvir a saudação, João Batista estremece no seio de Isabel (cf. Lc 1,44). Na voz de Maria, funde-se a voz de Deus. É essa voz que faz João mexer-se de alegria. Esta é também a alegria de tantas crianças e jovens, homens e mulheres que se sentem tocados por Deus na voz de tantos membros da Família Marista, pessoas “grávidas” de Jesus que aceitaram correr riscos por revelar o amor de Deus e deixar-se transformar por ele.

Iluminação

O Ano Mariano apresenta como ponto de partida da sua realização um *tema*, gerador de conteúdos, celebrações e experiências, e um *lema*, que traz em si a força que nos encoraja a adentrar terras ainda não conhecidas. Assim, apresentamos como tema “Maria no coração da Igreja” e como lema “Com Maria, para uma nova terra”.

Maria no coração da Igreja em busca de uma nova terra

No tocante ao tema do Ano Mariano Marista, ecoamos as palavras do Ir. Emili Turú,⁵ superior-geral do Instituto dos Irmãos Maristas, por ocasião do encerramento do XXI Capítulo Geral, em 2009. Assim o referido Irmão se expressa:

Parece-me que, às vezes, inclusive sem dar-nos conta, simplesmente por nosso modo de fazer, por nossas opções, por nossa maneira de relacionar-nos, mostramos o rosto mariano da Igreja, que realmente queremos.

Nesse sentido, “Maria no coração da Igreja” leva-nos a uma reflexão sobre a Mãe da Igreja. Em outros termos: para João Paulo II,⁶ “este perfil mariano é tão – se não o mais

5. INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XXI Capítulo Geral*. Roma: C.S.C. Gráfica, 2010. p. 212.

6. “Questo profilo mariano è altrettanto – se non lo è di più – fondamentale e caratterizzante per la Chiesa quanto il profilo apostolico e petrino, al quale è profondamente unito.” In: JOÃO PAULO II. *Aos cardeais e prelados da Cúria Romana recebidos para as felicitações de Natal, 22 de dezembro de 1987*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1987/december/documents/hf_jp-ii_spe_19871222_curia-romana_it.html>. Acesso em: 21 jan. 2011.

– fundamental e caracterizante para a Igreja quanto o perfil apostólico e petrino, ao qual está intimamente unido”.

Ao tomar para si a responsabilidade de ser o rosto *mariano* da Igreja, os Maristas sintonizam, igualmente, com a mensagem do Papa João Paulo II, ao falar à Família Marista por ocasião dos Capítulos Gerais dos seus quatro Institutos realizados em Roma em 2001. Assim se expressou o Santo Padre: “Hoje, compete a vocês manifestar, de maneira original e específica, a presença da Virgem Maria na vida da Igreja e dos homens [...] Portanto, voltando-se para Maria, com fidelidade e audácia, deixando-se guiar por ela, [...] é que acharão novos caminhos para a evangelização de nosso tempo”.⁷

Em relação ao lema: “Com Maria, para uma nova terra”, a mensagem nos inquire, como discípulos e missionários na Igreja, a compartilhar as alegrias e tristezas dos homens e mulheres do nosso tempo, estando eles e elas em suas respectivas realidades.

Para finalizar este item, não podemos esquecer, no entanto, que nas conclusões do XXI Capítulo Geral dos Irmãos Maristas encontramos uma indicação segura do que seja “ir com Maria para uma nova terra”:

Sentimo-nos impulsionados por Deus a partirmos para uma nova terra, que favoreça o nascimento de uma nova época para o carisma marista. Supõe estarmos prontos para a mobilidade, para o desprendimento, e para assumir um itinerário de conversão tanto pessoal como institucional, nos próximos oito anos. Percorreremos este caminho com Maria, guia e companheira. Sua fé e disponibilidade a Deus nos encorajam nessa peregrinação. A “nova terra” de uma autêntica renovação do Instituto pede-nos uma verdadeira mudança de coração.

A conversão começa quando se reconhece que o chamado do Senhor é dirigido a cada um de nós, de modo muito pessoal, e quando começamos a dar passos concretos para dar-lhe resposta. Duvido muito que um desafio tão importante, em nível coletivo, como o de “ir depressa, com Maria, para uma terra nova”, possa ser respondido sem que se dê, ao mesmo tempo, um deslocamento, um itinerário interior, em cada um de nós.⁸

7. JOÃO PAULO II.
Discurso do papa aos religiosos e religiosas dos Institutos da Família Marista, 17 de setembro de 2001. Disponível em: <<http://www.champagnat.org/pt/206.php?caso=xxdocumentos>>. Acesso em: 22 jan. 2011.

8. UMBRASIL,
Conclusões do XXI Capítulo Geral,
p. 5 e 19.

Convite: sai da sua terra... (Gn 12,1)

O êxito do Ano Mariano Marista dar-se-á pela adesão de cada um de nós; nenhum esforço, nenhum investimento poderá substituir a iniciativa pessoal e comunitária. Nesse sentido, o desejo de atuar nasce do coração de quem ama a Maria e tem nela confiança filial e amparo materno, portanto, somos chamados a nos colocar em movimento.

Para isso, planejamos ações para o Ano Mariano que se sustentam e dão concretude aos acontecimentos. Para essa finalidade, estão previstos eventos em nível nacional e outros em nível local.

A programação se destina aos que desejam conhecer melhor a pessoa de Maria. Conhecimento que, encontrando tempo, lugar e motivação, reacende em nós a dinâmica de nos tornar cada vez mais como Maria no seguimento de Jesus.

Entre os eventos nacionais sobressaem as *celebrações* em torno das festas marianas maristas, tais como: Anunciação do Senhor (25 de março) – na ocasião ocorreu a abertura do Ano Mariano; Nossa Senhora de Fourvière (23 de julho) – aniversário da Sociedade de Maria; Assunção de Maria (15 de agosto) – festa patronal dos Irmãos Maristas; Santíssimo Nome de Maria (12 de setembro) – festa patronal da Sociedade de Maria; e Conceição Imaculada de Maria (8 de dezembro) – encerramento do Ano Mariano Marista.

Já o *Simpósio de Mariologia* tem como objetivo maior aprofundar temáticas relacionadas à Mariologia. Com o tema “Maria no coração da Igreja”, esse *Simpósio* será realizado no período de 17 a 21 de julho de 2011, no Colégio Marista Arquidiocesano, em São Paulo. Está aberto a irmãos, padres, irmãs, formandos(as), leigas e leigos, comunidades educativas, jovens, educadores de Ensino Religioso, coordenadores de pastoral, Congregações religiosas, membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Por ocasião desse evento haverá o lançamento de um CD com músicas marianas inéditas elaboradas pelos maristas. O *Simpósio* contará ainda, como

parte integrante de seu conteúdo, com uma peregrinação ao Santuário de Aparecida.

Outra realização igualmente importante será o *Curso de extensão em Mariologia* pelo sistema de ensino a distância (EaD), em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Aberto às pessoas interessadas em conhecer mais de perto a pessoa de Maria, oportunidade de estudo e aprofundamento, será desenvolvido em quatro módulos: Maria nas Sagradas Escrituras, Maria na história da Igreja, o lugar de Maria no culto cristão e Maria nos carismas e na tradição maristas.

Nesse ínterim, os Maristas estarão unidos em oração ao longo das horas do dia 12 de agosto, celebrando as vésperas da Assunção de Nossa Senhora e Dia do Marista – como forma de reverenciar aquela que tudo fez entre nós, os Maristas.

Foi entregue aos irmãos superiores provinciais, na abertura do Ano Mariano, uma imagem de Nossa Senhora da Nova Terra, talhada em madeira pelo artista sacro Conrado Moser, a partir da criação de Sérgio Ceron. Tem sua gênese no apelo já mencionado: “Com Maria, ide depressa para uma nova terra”. A ideia foi gestada durante as reflexões que fundamentaram todo o projeto do Ano Mariano. Em peregrinação, essa imagem percorrerá e adentrará pela porta principal de cada uma das unidades maristas do Brasil.

Para dinamizar essas e muitas outras atividades locais, cada Província, setor ou Distrito marista, utilizando-se das suas competências e criatividade, organizará projetos, circuitos ou cirandas de ações, bem como outras modalidades celebrativas.

Concluindo: a resposta está em nossas mãos

Deus nos amou desde toda a eternidade; [...]. A Santíssima Virgem nos plantou em seu jardim, ela tem o cuidado de que nada nos falte.⁹

A dimensão do cuidado revelado no trecho acima, da Mãe que cultiva, indica-nos que é preciso recorrer a ela, Maria, para uma renovação do coração. É certo que ela beneficiará seus filhos e filhas com a graça da inquietação para

9. SIMAR. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Edição brasileira por ocasião da presença Marista no Brasil. São Paulo: SIMAR, 1997. Circular aos Irmãos, janeiro de 1828 (n. 10, p. 41).

que, vindo com olhos de esperança, de luta, de infinito, possamos abrir caminhos, preparar atalhos e fazer retornos sempre que necessários. Há perigos, há miragens e há indicações seguras.

O Irmão Emili Turú, ao chamar a atenção de todos para a realização do que proclamou o XXI Capítulo Geral, utiliza-se de uma história narrada por Elie Wiesel:¹⁰

Certo rei escutou que, em seu reino, havia um sábio, um homem que falava todas as línguas do mundo, compreendia o canto dos pássaros, sabia interpretar o aspecto das nuvens e compreender seu sentido. Também sabia ler o pensamento das outras pessoas. O rei ordenou que o trouxessem ao seu palácio. O sábio se apresentou perante o rei.

Disse então o rei ao sábio: — É verdade que conheces todas as línguas? — Sim, majestade. — É certo que sabes escutar os pássaros e compreendes seu canto? — Sim, majestade. — E é verdade que compreendes o linguajar das nuvens? — Sim, majestade. — É também confirmado que sabes ler o pensamento de outras pessoas? — Sim, majestade. Disse, então, o rei: — Em minhas mãos tenho um passarinho. Dize-me: ele está vivo ou está morto?

O sábio teve medo; dera-se conta de que, dissesse o que dissesse, o rei poderia matar o passarinho. Permaneceu um momento em silêncio, depois fixou o olhar no rei e, finalmente, respondeu: — A resposta, majestade, está em vossas mãos.¹¹

Diante disso, reportamo-nos a essa história, pela revolução do coração. A resposta para todos nós parece indicar que está em nossas mãos. Não podemos nos esquecer, porém, que a intenção de nossas respostas deve estar em sintonia com o coração de Maria. Por fim, somos todos convidados a participar dessa festa que revela o rosto mariano da Igreja.

10. Elie Wiesel, judeu, sobreviveu aos campos de extermínio nazistas. Foi Prêmio Nobel da Paz em 1986.

11. INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, *Atas do XXI Capítulo Geral*, p. 220-221.

Projeto Igreja Solidária do Brasil e Igreja do Haiti.

Páginas desta história

“É graça divina começar bem.

*Graça maior é persistir na caminhada certa,
mas a graça das graças é não desistir nunca.”*

Dom Helder Câmara

Temos a alegria de partilhar este breve relato da nova visita ao Haiti, após cinco meses de presença da Comunidade Missionária, enviada em setembro de 2010.

A missão na Conferência dos Religiosos do Brasil tem oportunizado viver um tempo de muita graça, entre elas a possibilidade de acompanhar o processo de articulação e os passos dados na concretização do Projeto Igreja Solidária do Brasil e Igreja do Haiti.

Em fevereiro deste ano, acompanhamos mais um grupo de religiosas: Irmã Maria Iolanda de Oliveira Carneiro, Irmãs da Divina Providência; Irmã Maria Dalvani Sousa Andrade, Irmãs Catequistas Franciscanas; e Irmã Veraluce Porfirio dos Santos, Irmãs de Santa Catarina de Alexandria, as quais, após um tempo de curso e convivência em Brasília, partiram em missão com o objetivo de se unirem às três primeiras enviadas: Irmã Aparecida Viana, Irmã Maria Aparecida Santos e Irmã Marcelina Xavier, fortalecendo, assim, a Comunidade Missionária no Haiti.

Desse momento do Projeto destacamos o envolvimento da Igreja do Brasil em uma bonita *celebração de envio* presidida por Dom Sérgio Castriani, bispo presidente do Conselho Missionário Nacional (COMINA), realizada nas dependências da CNBB no dia 16 de fevereiro, com a participação de Dom Geraldo Lyrio Rocha, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e vários outros bispos do Conselho Permanente; Irmã Marián Ambrosio, presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil; assessores padres, religiosas e leigos da CNBB; assessoras(es) da Conferência

dos Religiosos do Brasil e as Congregações: das Irmãs da Divina Providência, com Irmã Rita Maria Kuster Boni, coordenadora provincial; das Irmãs Catequistas Franciscanas, com a Irmã Maria Fachini, conselheira geral; e das Irmãs de Santa Catarina de Alexandria, com a Irmã Terezinha, conselheira provincial; e outras pessoas.

É muito gratificante experimentar o efetivo interesse, apoio e envolvimento das Congregações que apostam nessa busca de resposta aos apelos missionários, de modo particular em relação à missão no Haiti. Nosso muito obrigada pela corresponsabilidade partilhada e pela confiança depositada na Equipe articuladora do Projeto.

Outra participação significativa é a dos funcionários da CRB Nacional, que se sentem cada vez mais cativados por essa causa. Lembramos aqui a campanha interna intitulada: “Haiti: eu também faço parte”, com a participação em peso de todos os funcionários, assessores e suas comunidades, que, com um gesto tão singelo, contribuíram com dinheiro e material de higiene para a Comunidade Missionária. Sinal lindo de partilha cristã! Queremos registrar, ainda, a disponibilidade e acolhida das Irmãs de Santa Catarina, que nos acolheram em São Paulo no dia da viagem, dedicando parte do dia para ficar conosco e manifestar o apoio e a alegria pela coragem missionária das Irmãs. São gestos que ficam para a eternidade! Obrigada, Irmãs!

Nossa gratidão a todas e a todos que conosco ajudam a construir esta página da história da Igreja e da Vida Religiosa do Brasil.

É indizível descrever a emoção de chegar novamente no Haiti e contemplar os sinais de mais vida: a música tocada pelos haitianos no aeroporto, acolhendo tanto os quem chegavam para ficar por um tempo mais longo entre eles como os que ali estavam para breve passagem; a alegria do encontro de quem já estava e de quem chegava; os passos concretos dados por nossas Irmãs, que já são reconhecidas e chamadas pelo nome no bairro de La Plaine, em Porto Príncipe, por causa da presença silenciosa e efetiva junto ao povo; as *hortas comunitárias*, com legumes colhidos para

matar a fome daquela gente; os momentos fortes vividos pela Comunidade na avaliação e projeção da missão; a partilha de sonhos e possibilidades num clima orante, alegre e de comunhão. Tudo muito, muito gratificante! Agradecemos às Irmãs por sua coragem e ousadia, por apostarem nesse povo, pelo testemunho silencioso de cada uma.

Escolhemos um pensamento de Frei Betto para terminar esta breve partilha, que, a nosso ver, revela expressivamente o que tentamos dizer: “Sei que não terei de participar da colheita. Mas faço questão de ficar do lado dos que lançam, ainda que em terra árida, as sementes de um futuro melhor”.

IRMÃ ANTONIA MENDES GOMES, NDC
Assessora Executiva Nacional

Fala a comunidade missionária

É com alegria e muito amor que lhes escrevemos para agradecer e partilhar um pouco da nossa missão, que é sua também.

Nesses cinco meses, nossa experiência tem sido a de caminhar com um grupo de gestantes, mães e crianças de zero a seis anos e outro grupo de mulheres aprendendo corte e costura. Ministramos um curso de português para os seminaristas que desejam aprender a língua e a outros fazemos acompanhamento espiritual. A outra parte do tempo dedicamos a massagens (reflexologia) para Irmãs e pessoas que necessitam.

Aqui o trabalho é intenso. Somos muito solicitadas e, como brasileiras, usamos o nosso “jeitinho brasileiro”.

Gratidão e carinho a todos(as) que nos acompanham.

Irmã Cida Viana

Compartilhamos nesse momento a experiência da chegada e o início da missão. Impossível descrever o misto sentimento de emoção e compaixão ao ver o sofrimento do povo haitiano, após um ano de catástrofe, ainda habitando em tendas e passando por inúmeras dificuldades e sofrimentos. É um país inteiro que vive as consequências das ações do ser humano contra a natureza. Mas também constatamos o grande desejo de reconstruir e reconstruir-se.

Nós estamos nos adaptando a essa realidade aos poucos: povo, língua, clima... e nos integrando nos projetos iniciados pelas Irmãs.

A todos(as), com fraterna gratidão, nosso abraço e preces.

Irmãs Iolanda, Dalvani e Veraluce.

Irmãos e Irmãs de caminhada, a presença de Irmã Antonia depois de cinco meses nos deu mais segurança e confiança na caminhada.

Sentimos sua presença em vários momentos: nos relatos feitos por Irmã Antonia, nos vários e valiosos presentes vindos do sacrifício e renúncia de cada um... Eles são grandes gestos de união entre nós e entre a Igreja do Brasil e a Igreja do Haiti.

Recebam os nossos mais sinceros agradecimentos. Agradecemos também pela nova Equipe de Irmãs que nos enviaram. Que Deus as(os) recompense.

Irmã Marcelina

Queridos amigos, Irmãos e Irmãs da CRB.

Nosso muito obrigada pelo que recebemos de sua bondade através de nossa Irmã Antonia. É muito pouco agradecer com “muito obrigada” a grande amizade e o carinho que todos nos têm proporcionado nesta santa e bela missão... Contem com nossa prece ao Espírito Santo para que ele conduza a todos nesse árduo trabalho aí na CRB.

Ficamos muito sensibilizadas e emocionadas com a generosidade de todos. Deus lhes pague! Somos missionárias(os) a distância ou aqui na ação. Continuamos nossa missão, descobrindo cada dia mais as maravilhas de Deus em nossas ações missionárias.

Estamos já colhendo os frutos: pais pedindo para batizarem seus filhos, o trabalho com um grupo de bordado com trinta jovens, divididas em dois grupos, que estão muito entusiasmadas; um grupo de decoração com quinze senhoras e jovens curiosas e apressadas para fazerem flores... e, o mais emocionante, a colheita de tomates nas pequenas hortas familiares. Por tudo isso, digamos juntas(os) a uma só voz, missionários a distância, missionárias na ação: “Bendito seja o Senhor que nos chamou e nos enviou!”.

Com saudades e muito carinho, agradecido abraço.

Irmã Maria Aparecida dos Santos

Homenagem ao Pe. José Comblin

EDEGARD SILVA JÚNIOR, MS*

Em nome da Vida Religiosa no Brasil, quero retomar o que escrevi naquele domingo chuvoso, dia 27 de março, em Salvador-BA, quando o Padre José Comblin nos deixou e voltou para a casa de Deus Pai/Mãe. Foi um dia em que pessoalmente estava muito fragilizado. Tínhamos terminado o Encontro da Equipe Ampliada da CRB Regional de Salvador (BA e SE). No final do encontro, arrombaram o carro e roubaram minha mochila com documentos, computador, relatórios etc. Cheguei em casa cansado, decepcionado e triste. Creio que estava semelhante aos discípulos de Emaús quando começaram a caminhar (Lc 24). Quando vou entrando em casa, o telefone toca para comunicar a morte do Padre José Comblin. Não pensei duas vezes, minha resposta foi muito decisiva: estou indo agora! Naquele momento não pensava em outra coisa senão em ficar ali, estar presente. E assim o fiz! Retornei às 22 horas e, mesmo cansado, senti o desejo de escrever algo para partilhar com amigos e amigas. Escrevi, então, um pequeno texto. Quando terminei de enviar, já era quase uma da manhã! Creio que vivi nesse dia a experiência dos discípulos de Emaús, que, mesmo cansados, sentiram a necessidade de voltar e partilhar como viram e sentiram Jesus naquele caminhar. Neste primeiro momento retomo o texto do jeito como o fiz:

É terceiro domingo da quaresma, o Evangelho apresenta Jesus na beira do poço pedindo água à mulher samaritana. Na cidade de São Salvador da Bahia chove muito. Longe do centro turístico, na região metropolitana, bem na divisa entre Salvador e o Município de Simões

* **Padre Edegard Silva Junior** é missionário saletino, presidente da CRB Regional Salvador (BA e SE).
Endereço do autor: R. São Lázaro, 700, CEP 48011-310, Santa Terezinha, Alagoinhas-BA. **E-mail:** edejrms@hotmail.com.

Filho, num bairro pobre e meio esquecido está o “Recanto da Transfiguração” – uma comunidade de mulheres consagradas que vivem a Espiritualidade Trinitária. Era nesta casa simples e acolhedora que José Comblin se encontrava. Foi cercado de gente simples que ele celebrou, dias atrás, seus 88 anos de vida, com direito a bolo e vela para apagar.

Ao lado da Capela, num simples quarto, na manhã do dia 27 de março, embalado nos braços da Trindade Santa, José foi para casa do Pai. Recebi o telefonema do Frei Luciano da CPT, Comissão Pastoral da Terra, e imediatamente segui para o local. No caminho fui avisando aos amigos e amigas, que pudessem ir para lá.

Cheguei ao Recanto da Transfiguração... Comblin estava na cama onde tinha dado o último suspiro. O semblante tranquilo de quem morreu como tinha sonhado... Cheguei bem perto, peguei em sua mão, afaguei seu rosto e lembrei naquele instante de pessoas que gostariam de fazer aquele mesmo gesto... E disse baixinho: “José, esse aperto de mão é em nome do Oscar Beozzo, do CEBI, Centro de Estudos Bíblicos, do Frei Carlos Mesters, da Professora Ivone Gebara, das faculdades de teologia onde você lecionou, do Frei Betto, do Marcelo Barros, do Irmão Bruno de Taizé, das Comunidades Eclesiais de Base...e tantos e tantas... É também em nome da Teologia da Enxada!”.

Na sala, ao lado do quarto, estavam Frei Luis Cappio, Bispo da Barra (BA), onde atualmente residia Comblin; também Eduardo Hoonart e a esposa e a Mônica que o acompanhava. Dom Cappio nos convidou a celebrar a Eucaristia. Pegamos juntos o corpo do José, levamos para Capela, e numa Celebração simples, familiar, de pouco mais de vinte pessoas, entoamos canções que marcaram a história das comunidades. Rezamos, ouvimos o testemunho dos que ali estavam e dos amigos que conviveram com Comblin.

Terminada a Celebração, embalados por canções e preces, nos despedimos. Padre José Comblin será sepultado na Paraíba. Lá seu corpo será semeado, no mesmo chão nordestino que acolheu Padre Ibiapina, Padre Cícero, Margarida Maria Alves, Dom Hélder Câmara...

Fechei alguns botões da sua camisa; no quarto onde veio a falecer, coloquei no guarda-roupa os óculos que ainda estavam sobre a cama. Lá fora a chuva caía fina, algumas pessoas ainda chegavam, quase todas com o mesmo sentimento: Muito obrigado, José Comblin!

Recordei sua profecia, seus escritos, sua lucidez, e me veio no pensamento a canção:

E agora, José?

“E agora, José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e agora, José?”¹

Escrevi essa mensagem com a mais simples intenção de ser solidário, prestar uma homenagem a um homem pelo qual todos nós tínhamos grande amor e admiração. Fiquei impressionado como o texto se espalhou. Muitos sites o reproduziram e muitos responderam, entre eles o nosso querido Frei Carlos Mesters:

Muito obrigado pelo abraço que deu ao Padre José Comblin. Deus lhe pague muito por este gesto, pois mais do que isto eu também não teria feito. Eu teria dito as mesmas duas palavras que você disse a ele: “Muito Obrigado!”. Sim, muito obrigado por tudo que o Padre José fez, viveu, falou, testemunhou, denunciou, anunciou, consolou.

Dom Mauro, bispo da Diocese de Ilhéus-BA, assim se expressou: “Padre Comblin já está na posse da glória que Deus reserva aos que lhe são fiéis. Ele foi fidelíssimo e nos deixa um grande exemplo de amor a Deus, a Cristo e à sua Igreja. Só posso agradecer a Deus pela vida desse fiel discípulo de Jesus”.

Irmã Altair, da diretoria da CRB Regional Salvador (BA e SE), esteve também no velório. Enviou-me este e-mail:

A serenidade estampada no rosto dele era uma confirmação de que estava em paz. A pergunta que é feita no canto: E agora, José? Acredito que a resposta seja: Agora estou aqui onde não existe mais dor, sofrimento, desafios, contradições, tudo isso passou, porque sempre tive os olhos fixos Nele.

Como já descrevi, o ambiente naquele primeiro momento, antes de o corpo seguir viagem para o interior da Paraíba, foi de uma grande simplicidade. Fiquei conversando com as pessoas que estavam presentes, mas sentia sempre o desejo de ir ao quarto e pegar na mão de José Comblin ou passar a mão no seu rosto. Nesse momento recordava de algumas pessoas e organizações. Citei alguns. Mas disse:

1. Poema de Carlos Drummond de Andrade, musicado por Paulo Diniz.

é em nome de “todos e todas”. Era também em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Aqui convém registrar que toda a Diretoria da Regional Salvador (BA e SE) esteve presente. Então, aquele gesto que fiz ao tocar em suas mãos foi também em nome da Vida Religiosa Consagrada. Foi um *muito obrigado* pelas vezes em que, com seus escritos, reflexões, assessorias etc. ele nos orientou e foi para nós um profeta a mostrar as contradições por nós vividas, mas também a indicar pistas por onde deveríamos caminhar. Naquele momento em que estivemos lá (eu, Ir. Jacira, Ir. Marie Jô e Ir. Altair), era a presença e o agradecimento da VRC! Era a presença e o agradecimento da CRB!

Já rezamos, lamentamos e crescemos com a leitura dos seus livros. Em maio do ano passado, estivemos reunidos, na cidade de Jequié-BA, com um grupo de religiosas e religiosos. Na ocasião, estudamos o seu livro *Profecia na Igreja hoje*. Como foi edificante para todos nós!

E seus textos na revista *Convergência*? Como é bom alguém “não religioso” lançar o olhar (como quem está de fora) para nos dizer como percebe o nosso caminhar. Sempre acolhemos com muita seriedade suas palavras e questionamentos.

Muitos textos foram publicados. Na verdade, não vejo a necessidade de acrescentar muita coisa, até mesmo porque seus amigos mais próximos já o fizeram. Quero apenas destacar alguns aspectos:

COMBLIN, o “José”. No momento da Eucaristia, Frei Luís Cappio, bispo de Barra-BA, deixou a palavra livre para a partilha. Gisa, do MFRAC, comunidade onde estava hospedado Comblin, disse algo que achei muito interessante: “Antes de conhecer ‘Comblin’, conheci ‘José’. E era assim que muitos o chamavam”. Aqui convém mencionar que José e Maria são os nomes mais comuns, mais populares no meio dos pobres. Comblin foi também o “Zé”, o “seu José”, o “Padre José”. Foi também o José trabalhador, o José operário... dedicado ao estudo, à pesquisa e com profunda responsabilidade de socializar o que sabia.

COMBLIN, o homem da enxada e da cidade. Se a Comblin agradecemos a experiência da Teologia da Enxada, surgida em 1969, no Nordeste, que soube falar de Deus a partir da realidade dos agricultores e das famílias camponesas, também a ele agradecemos o olhar que tinha para a cidade. Não deixou de escrever pequenas cartilhas para o meio popular, mas percebia que a população urbana aumentava a cada dia. Foi um dos precursores na reflexão da pastoral urbana. Mostrou-nos que o fenômeno da urbanização vem sendo cada vez mais desafiador para todos os que se preocupam em estar sintonizados com sua época.

COMBLIN, o homem profundamente cristológico. Há dois anos Frei Luiz Cappio convidou-me para estar presente na Assembleia Diocesana e falar sobre as CEBs. Aceitei o convite. Combinamos como deveria ser o estudo. Alguns dias depois ele ligou dizendo que estaria também o José Comblin. Aí perguntei: mas por que não deixar José Comblin falar? “Não! Ele quer só ficar sentadinho, ouvindo”, disse Dom Luiz.

Na verdade, eu estava tremendo de medo... Como falar diante de José Comblin? Fui meio temeroso. De fato, ele estava lá sentado nas primeiras cadeiras. Cumprimentei-o e disse que ele tinha sido meu professor na Teologia em São Paulo. E comecei o trabalho. Comblin ia balançando a cabeça... e eu aliviando o coração... No final, fomos conversar, e ele me disse: “Hoje o que falta em nós é a coragem de anunciar a pessoa de Jesus. Quem sabe fazer bem isso são os evangélicos. É preciso anunciar Jesus!”. Comblin foi um homem profundamente cristológico!

COMBLIN, o homem dos pobres. Dentre os muitos artigos já publicados (Carlos Mesters, Paulo Suess, Marcelo Barros, Eduardo Hoonaert...), encontramos o texto do Padre Oscar Beozzo, que destaca:

A opção pelos pobres, que marcou sua vida, é um exemplo para nós. Por causa dos pobres, deixou a Bélgica e veio para a América Latina. Aqui, optou pelo Nordeste, não o das capitais e sim

o do sertão. Da experiência vivida entre os pobres ele retirou o material básico para sua leitura da Bíblia, sua espiritualidade, sua teologia, suas orientações pastorais. Nisso, tornou-se nosso mestre: nunca esquecer que o primeiro lugar no Reino de Deus pertence aos pobres.

A simplicidade marcou sempre a sua vida. No vestir, no falar, na maneira de viver. Antes de morrer tinha visitado Juazeiro do Norte-CE. Lá celebrou a Eucaristia. Juazeiro é o lugar dos pobres, dos romeiros do “Padim Ciço”. E o lugar onde as CEBs do Brasil estão preparando o 13º Intereclesial.

Nos últimos anos, Comblin escolheu viver na Diocese de Barra. Barra representa para nós a “nossa Nazaré, a nossa Galileia”, o lugar dos pobres, mas também a cidade da profecia. Acesso difícil, com pouca estrutura, doze horas de viagem até a capital. Mas foi nessa cidade longe e esquecida que ele quis morar.

Para concluir, recordo suas palavras por ocasião da publicação do *Documento de Aparecida*, elaborado pela CNBB:

De acordo com o projeto de Aparecida, tudo vai ser orientado para a missão. Agora vem o projeto episcopal, que vai exigir uma mudança de mentalidade e uma mudança de comportamento. A missão será a prioridade e deixará no segundo plano a administração da pequena minoria que frequenta as paróquias. Será necessário mudar a formação sacerdotal de modo radical. Os religiosos vão ter que voltar à sua vocação original, e deixar de ser administradores de paróquias ou de obras.

Fiquemos atentos e atentas à sua palavra-profecia! Enquanto Vida Religiosa Consagrada, enquanto Conferência dos Religiosos do Brasil, nossa eterna gratidão ao Padre Comblin. Com ele, repetindo as palavras de Simeão, também queremos dizer ao Pai: “Agora, Senhor, segundo a tua promessa, deixas teu servo ir em paz” (Lc 2,29).

As redes sociais: risco e possibilidade

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

Cresce a cada dia o número de religiosas e religiosos que se utilizam das assim chamadas “redes sociais”. Mesmo em algumas casas de formação os nossos jovens “navegam” com relativa facilidade na internet e colocam seus “perfis” no “Facebook”, no “Twitter”, no “Orkut” e outras redes, interagindo com milhares de pessoas no mundo todo. Também existem os “blogs”, espaços/páginas individuais onde se pode colocar livremente opiniões, vídeos, fotos etc. Ninguém paga nada (a não ser os custos com o provedor, a energia elétrica etc.) e é muito fácil o uso dessa tecnologia porque todas as “ferramentas” são autoexplicativas. Aliás, atualmente, até as crianças nos primeiros anos de escola já aprendem a manipular o computador e a utilizar seus múltiplos recursos.

Em se tratando de Vida Religiosa Consagrada, ainda não existem estudos acadêmicos específicos sobre o tema, portanto não podemos tirar conclusões nem muito menos fazer juízos de valor sobre o fenômeno. É certo, porém, que mais cedo ou mais tarde vamos ter de refletir seriamente sobre o assunto Vida Religiosa *versus* internet, particularmente sobre a nossa participação/inserção nas *redes sociais*.

Talvez alguns superiores maiores ou formadoras(es) ainda não tenham “acordado” para a importância do tema. Quem sabe estarão imaginando que tudo não passa de uma grande brincadeira, algo inofensivo até... É simples: nas “horas livres” os membros da comunidade religiosa, mesmo nas casas de formação, podem, tranquilamente, ligar o computador e acessar as redes para interagir com “deus e o mundo” sem problema algum. No máximo, às vezes, o superior ou

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista, assessor de publicações, redator da revista *Convergência*, da CRB Nacional. **E-mail:** convergencia@crbnacional.org.br. **Blog:** plutarcoalmeida.blogspot.com.

a superiora controla o tempo de uso para evitar mais gastos ou exageros. Oxalá uma ou outra comunidade ainda se dê ao luxo de fazer alguma reunião para discutir o assunto e trocar ideias a respeito.

Retornando outro dia de São Paulo para Brasília, li um pequeno texto de autoria do jornalista Daniel Piza,¹ o qual dizia o seguinte:

Em redes sociais, twitters e blogs, as pessoas contam como são, se estão disponíveis ou não, etc. Põem fotos íntimas, discutem relacionamentos, criticam chefes e colegas de trabalho. Depois, são obrigadas a ouvir comentários ofensivos ou sofrem retaliações. Não existe, portanto, uma solução única e abrangente. Mas o clima de opinião poderia ficar mais sensato se as pessoas se dessem conta de quando estão em espaço público, virtual ou não, e se não saíssem prejudgando os outros sem as devidas informações; sobretudo, se não confundissem o que é profissional e diz respeito ao coletivo com o que não passa de fofoca e exibicionismo.

O autor se refere, evidentemente, às pessoas de um modo geral, mas acredito que de algum modo as suas observações também nos ajudam enquanto religiosos e religiosas que vivem no tempo de hoje, com as suas possibilidades, contradições e desafios.

Sem querer aprofundar a questão e deixando a nossos leitores e leitoras o apelo para que provoquem em suas comunidades conversas ou “bate-papos” sobre o assunto, diria que basicamente as redes sociais apresentam riscos e possibilidades. Apresento aqui, resumidamente, apenas um risco e uma possibilidade que me parecem ser os pontos mais importantes no momento.

Risco

Invasão de privacidade: o mundo moderno (Pós-Pós-Moder-no?) continuamente tem quebrado as barreiras entre o público e o privado. Na prática, esses dois conceitos passam por profundas modificações. As novas tecnologias da informação

1. O fim da privacidade. *Avianca Brasil em revista*, ano IV, n. 20, p. 20-21, 2011.

e da comunicação (TICs) de alguma forma estão ajudando a implodir os limites antes existentes. Ora, ao colocar suas opiniões, fotos, vídeos etc. sem muito critério na rede, o religioso e a religiosa expõem a sua intimidade. É lógico que, uma vez exposta assim, a minha vida já não me pertence mais, virou domínio público! Que tipo de comentário, por exemplo, eu coloco na rede? Que amizades eu cultivo? Ainda que eu não tenha consciência, isso pode ter consequências terríveis não só para a minha reputação como para a imagem da Congregação ou Instituto à(ao) qual pertença.

Possibilidade

Comunhão-integração: as redes representam hoje a possibilidade de ampliar enormemente as nossas relações sociais. Com isso, o diálogo entre as diferentes gerações da VRC, por exemplo, pode ser fortalecido e algumas barreiras fortes e antigas, quase todas baseadas em preconceitos, intolerâncias etc. podem vir a cair.

Já existem, diga-se de passagem, muitos grupos de religiosos e religiosas trocando mensagens entre si através do “Facebook”, do “Orkut” etc. Talvez este seja também um caminho muito bom para o fortalecimento das amizades autênticas através da superação de certas dificuldades experimentadas em nossa convivência comunitária.

Termino dizendo que é preciso evitar de qualquer maneira os prejulgamentos ou os juízos apressados acerca do mundo em que vivemos. Existem riscos sim, mas há também possibilidades enormes de crescimento humano-espiritual-cristão em tudo ou quase tudo isso que temos ao nosso redor. Penso que neste momento o melhor a fazer é estar atento, buscando uma melhor sintonia para entender ou pelo menos vislumbrar o que é que se esconde (de bom ou de ruim) por detrás dessas tecnologias.

Estou convencido de que hoje, mais do que nunca, a “arte” do discernimento nunca foi tão necessária e tão dramaticamente urgente.

O acompanhamento espiritual: seus desafios e possibilidades hoje

209

ARTIGOS

ADELSON ARAÚJO DOS SANTOS, SJ*

Horizonte histórico: das origens do Cristianismo aos nossos dias

No início...

Desde os seus primórdios, o Cristianismo concebeu como um ministério dos mais importantes aquele de ajudar todo cristão a viver a sua vocação à santidade (cf. 2Tm 1,9). Mas foi sobretudo a partir do século IV, com o advento do movimento monástico, que a figura do *pai (padre) espiritual* ganhou destaque na espiritualidade cristã.

De fato, São Gregório de Nissa escreve, no ano 371, sobre a necessidade do diretor espiritual, em um contexto de pleno desenvolvimento da espiritualidade monástica, que naquela época correspondia ao ideal não apenas dos monges, mas de todo cristão, a saber: viver plenamente a vida segundo o Espírito recebida no Batismo.

Assim é que vemos surgir dentro do Cristianismo as primeiras escolas de espiritualidade, nas quais os discípulos se agrupavam ao redor de *homens espirituais*, isto é, tidos como capazes de iniciar e de guiar outros na vida espiritual. São Gregório fazia uso da comparação da necessidade de um mestre no aprendizado de uma língua estrangeira para mostrar a conveniência de termos na vida espiritual alguém já experimentado na mesma, a fim de nos ajudar a assimilá-la melhor. Por sua vez, São Basílio, ao promover a reforma do monaquismo capadócio, colocou como central o papel do diretor espiritual, a quem caberia o encargo de transmitir de maneira viva o ideal espiritual.

* **Padre Adelson Araújo dos Santos** é jesuíta, doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Atualmente, é diretor espiritual do Filofofado Interprovincial S. Francisco Xavier e professor na FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte-MG.
E-mail: adelson@jesuitas.org.br

Por outro lado, desde o início os Padres da Igreja chamaram a atenção para o risco daquele que caminha sozinho na vida espiritual se enganar, pois os perigos de ilusão são muitos. Daí a importância de o cristão buscar um guia versado nas coisas do Espírito, que o ajude a não cair nas ciladas do inimigo e que o instrua na doutrina espiritual correta. Tal forma de ajuda e direção espiritual teria de começar pelo próprio exemplo de vida do mestre ou orientador, uma vez que “todo discurso desacompanhado da ação, por mais admirável que seja, é como uma pintura sem vida”, ressaltava São Gregório. Eis por que não é tão fácil encontrar pessoas dispostas e aptas a tal ministério, o que levou alguns Padres da Igreja a concluir que “raro é este homem, e difícil encontrá-lo”, como fez São Nilo.

Não obstante as dificuldades encontradas por aqueles que se tornavam acompanhantes espirituais de outros, não há como negar o quanto foi fundamental o seu papel para o crescimento espiritual de tantos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo ao longo destes dois milênios de Cristianismo, a começar pelos próprios santos e santas, por sua vez transformados depois também em referência na caminhada espiritual de outros. De fato, podemos pensar no quão providencial foi, por exemplo, para o jovem Francisco Xavier ter tido como seu mestre espiritual em Paris aquele ex-cavaleiro basco convertido, Inácio de Loyola, para que pudesse paulatinamente ir descobrindo e aderindo com todo o seu ser ao plano de Deus a seu respeito, a ponto de se tornar depois o santo padroeiro das missões. E assim ocorreu com tantos outros homens e mulheres nestes séculos de história da espiritualidade cristã.

E hoje...

É corrente hoje a opinião de que, a partir do final do século passado, a direção ou *acompanhamento espiritual* experimentou uma acentuada crise de perda de sentido e valor, não obstante o Concílio Vaticano II ter confirmado esta prática como parte dos princípios fundamentais da espiritualidade cristã, especialmente no que se refere à formação para a Vida Consagrada e para o ministério

sacerdotal. De fato, os padres conciliares destacam a responsabilidade dos superiores maiores em escolher e preparar bem os diretores ou “mestres do espírito” nas casas de formação religiosa (*Perfectae Caritatis*, n. 18), como também recordam que dependerá muito dos esforços feitos por estes para que a formação dada aos seminaristas os ajude efetivamente “a viver em união familiar e assídua com o Pai, por meio do seu Filho Jesus Cristo, no Espírito Santo” (*Optatam Totius*, n. 8).

Entretanto, alguns fatores foram determinantes para gerar na sociedade hodierna e no interior da própria Igreja, incluindo aí todos os estados de vida, uma visível dificuldade de reconhecimento da importância do papel do acompanhante espiritual. Entre esses, poderíamos destacar:

- A influência ainda presente do *Iluminismo*, que, vendo o Cristianismo como um obstáculo que impede o homem de tornar-se plenamente adulto, considera, conseqüentemente, qualquer forma de direção espiritual apenas um instrumento para manter o ser humano no estado de *menoridade* (Kant), de *mediocridade* (Nietzsche), de *alienação* (Marx) e de *censura* (Freud).
- O influxo do discurso técnico-científico – a razão instrumental – defendido pela Modernidade como único paradigma capaz de responder a todas as dúvidas e perguntas da consciência e como o único caminho válido para a solução dos problemas existenciais e essenciais da humanidade, tornando inútil o acompanhamento espiritual.
- A pretensa autossuficiência do homem, que cada vez mais passou a ver-se como destinado a um caminho de total e irrestrita liberdade e autonomia. Isso o leva muitas vezes a agir guiado exclusivamente por seu próprio *individualismo*, repelindo qualquer ajuda externa.

Relacionados a esses fatores poderíamos mencionar outros fenômenos característicos de nossa época, que colaboram para a desvalorização do acompanhamento espiritual:

- A rejeição da autoridade, pois, contestando-se qualquer tipo de autoridade, contesta-se também a figura

do acompanhante ou diretor espiritual, porquanto visto como uma imposição e um peso do qual se deve livrar. Estudos recentes mostram como isso é particularmente notado no meio das novas gerações, incluindo aquelas dentro da Vida Religiosa, que muitas vezes ainda trazem uma imagem da Igreja Católica como uma instituição onipotente e sem abertura ao diálogo, cujas regras não os incluem como sujeitos.

- O *secularismo*, como degeneração da *secularização*, na medida em que não apenas afirma legitimamente as leis que regem com autonomia os diversos eventos da criação e do universo, mas passa a ver Deus como sem significado e sem necessidade para o ser humano e o mundo. Assim, ao negar-se a experiência do Absoluto real, o ser humano chega à dramática experiência do *niilismo*, em que nada mais tem sentido absoluto, sinal eloquente de uma civilização em crise, incapaz de enxergar o valor de mediações, como o acompanhamento espiritual.
- Bem ligado a isso, vivemos hoje sob a “ditadura do *relativismo*” (Bento XVI), outro fruto da revolução individualista que reduz a religião a uma dimensão meramente subjetiva, com a conseqüente privatização da fé e da consciência moral. O que cada indivíduo pensa é assumido como valor único e absoluto, portanto ideias como princípio universal e fim último tendem a ser recebidas com total indiferença ou mesmo hostilidade.
- Por outro lado, há de se reconhecer que dentro da própria Igreja alguns cristãos ou grupos, levados pelo desejo de viver plenamente o senso comunitário e social da fé, ao exaltarem a importância da comunidade e do engajamento social e político de seus membros, acabaram muitas vezes diminuindo o valor do acompanhamento espiritual personalizado, visto numa perspectiva mais negativa que positiva, isto é, como algo intimista e desencarnado.
- Além disso, contribuiu para a perda de valor do acompanhamento espiritual a crise do sacramento da

Reconciliação, pois, na medida em que os católicos deixaram de recorrer a este sacramento, diminuíram também as oportunidades de encontros interpessoais e de conversas espirituais com ministros ordenados, que costumavam dar nesses momentos também orientação e conselhos para a vida espiritual.

- Finalmente, existem outras razões, mais de ordem prática, que contribuíram para a crise do acompanhamento espiritual em nossas comunidades eclesiais e mesmo dentro da Vida Religiosa. Entre essas, sobressai a escassez de acompanhantes, seja pela sobrecarga de trabalho dos ministros ordenados, que em geral são os mais solicitados a exercer a função de diretores espirituais, seja também pela falta de preparação desses e de um número maior de outros membros da Igreja – religiosos, religiosas, leigos e leigas – para prestar tal serviço pastoral.

Novas perspectivas

Conscientes dos enormes desafios que os aspectos acima ressaltados trouxeram para o acompanhamento espiritual, convém termos presente também outras mudanças mais recentes que já era possível serem observadas no cenário religioso vivido nas últimas décadas do século XX e no início deste novo milênio, com o advento da assim chamada *Pós-Modernidade*, a fim de sabermos situar melhor o lugar que o acompanhamento espiritual encontra na espiritualidade cristã atual.

Nesse sentido, não podemos deixar de ressaltar o fenômeno atual do revigoramento da experiência religiosa no ser humano, isto é, no retorno da atenção e busca pelo Transcendente. Tal fenômeno está diretamente associado ao desencanto progressivo do homem para com as grandes ideologias e para com aquela racionalidade técnico-científica já mencionada antes, as quais se mostraram incapazes de responder aos anseios fundamentais e mais profundos da humanidade. Como alguém afirmou, estamos diante da revalorização do assim chamado *irracional*.

Contudo, é preciso perceber que tal *retorno ao sagrado* não se dá mais dentro de um contexto de *crístandade*. Ao contrário, vivemos em uma sociedade plural, na qual a busca da dimensão espiritual se dá em torno de novos *pantheons* ou *supermercados religiosos*, onde todos podem saciar a sua sede do religioso, colhendo de cada religião ou crença os aspectos que mais responderem às suas exigências. Isso nos mostra, então, que esta nova realidade constitui para a Igreja, simultaneamente, um desafio e uma grande oportunidade para rerepresentar a sua mensagem, o anúncio da Boa-Nova. Pois, não obstante esse complexo panorama cultural contemporâneo possa conter alguns problemas para a fé, já na década de 1980 era possível constatar que “no nosso tempo a sede de santidade cresce sempre mais nos corações dos fiéis quando estes acolhem o chamado de Deus, que os convida a viver com Cristo e a transformar o mundo” (Sínodo dos Bispos, mensagem ao Povo de Deus *Iam instante*, n. 3, de 28 de outubro de 1987).

Assim, é preciso que esse Povo de Deus seja ajudado a atingir a necessária passagem de uma fé infantil e exterior a uma fé adulta, transformada em obras, fruto de uma experiência pessoal de comunhão com o Senhor. Eis onde entra a figura do acompanhante espiritual, chamado a tornar-se um instrumento eficaz de ajuda na formação dos cristãos e no seu caminhar rumo à santidade, vivida a partir da sua própria vocação. Esta missão assume um caráter ainda mais fundamental junto aos jovens, ansiosos por encontrar o seu lugar na sociedade e na Igreja. Para eles, o acompanhamento espiritual representa muitas vezes o espaço ideal para o discernimento vocacional. Mesmo para aqueles que já se encontram dentro de um caminho formativo para a Vida Religiosa ou sacerdotal, o acompanhamento espiritual continuará sendo um instrumento precioso de purificação, amadurecimento e confirmação da opção feita, além de ser um espaço privilegiado para continuar alimentando aquela primeira resposta de amor ao Senhor, que é condição essencial para se tornar discípulos e discípulas (cf. *Vita Consecrata*, n. 64).

Natureza e finalidade

Dentre tantos modos possíveis de definir o que vem a ser o acompanhamento espiritual, cremos que, em termos gerais, podemos dizer que se trata de uma experiência de ajuda espiritual qualificada de dimensões e características várias, inserida em uma relação interpessoal que se concretiza na forma do colóquio espiritual distinta de outros tipos de ajuda espiritual e necessitada de algumas condições para que se realize autenticamente e com proveito (*v.g.*, clima, tempo, ritmo, contexto etc.), com a finalidade de discernir a vontade de Deus para crescer em Cristo.

Dimensão teologal

Não se pode falar de acompanhamento espiritual sem ter presente que, no seu estruturar-se, ele se configura como uma relação trilateral: o Espírito – verdadeiro guia espiritual –, a pessoa específica e o acompanhante espiritual. Daí a importância de acompanhado e acompanhante se colocarem na escola do Espírito como discípulos. O acompanhante espiritual deve saber que se faz mediador de uma experiência maior que ele (cf. Libanio, 2010, p. 57).

Dimensão eclesial/institucional

A ação do Espírito se manifesta e opera na Igreja mediante os ministérios pastorais. O Espírito Santo, por meio da direção e do acompanhamento espiritual desempenhado pela Igreja, transmite aos cristãos a sua caridade e a sua santidade. Nesse sentido, o acompanhamento espiritual também se qualifica como uma mediação da Igreja para ajudar os cristãos a descobrirem a concreta vontade de Deus, para alcançar a maturidade humana e espiritual e para guiá-los à santidade. Portanto, quando alguém exerce o ministério de dirigir, acompanhar ou guiar outrem em qualquer ambiente eclesial não o faz em nome próprio, mas como enviado a essa missão. No caso específico do acompanhamento de candidatos ao sacerdócio e na Vida Consagrada em geral, o

acompanhamento espiritual pressupõe, além da dimensão carismática, um caráter institucional, que torna essa mediação algo a ser usado por todos os formandos, enquanto o acompanhante ou diretor é oficialmente designado pelo bispo ou superior maior para cumprir tal papel.

Dimensão antropológica

No acompanhamento espiritual estão implicados também elementos decisivamente humanos. Por isso, o acompanhante espiritual deveria, com o apoio das ciências humanas, conhecer os mecanismos e dinamismos humanos para saber adaptar as modalidades de realização do acompanhamento espiritual à situação concreta de cada pessoa. Além disso, a missão de acompanhar alguém espiritualmente pressupõe o interesse em conhecer as grandes transformações globais contemporâneas, principalmente aquelas que tocam à juventude, com a consciência de que “os problemas que surgem com a globalização não podem ser tratados com velhos remédios e arcaicos paradigmas” (Pereira, 2004, p. 124).

Dimensão carismática

O acompanhamento espiritual é uma mediação eclesial da guia do Cristo no Espírito Santo, único e verdadeiro diretor espiritual de cada homem, pela qual o acompanhante espiritual ajuda o seu acompanhado a discernir e a reconhecer, com a ajuda do Espírito, a vontade concreta de Deus, guia-o e sustenta-o no caminho do amadurecimento humano e no itinerário da vida espiritual. Trata-se de um serviço na Igreja ligado aos dons do Espírito, ou seja, a sabedoria, o discernimento e a guia espiritual. Portanto, quem o desempenha o faz pelos dons recebidos e não por um mandato oficial apenas.

Dimensão social

Para ser verdadeiro e autenticamente cristão, o acompanhamento espiritual deve também ajudar a pessoa a sair cada vez

mais de si mesma em direção ao outro, a esse grande Outro que é o absoluto de nossas vidas, mas também a tantos outros irmãos aos quais somos chamados a nos fazer próximos em suas dores e lutas, como bons samaritanos (cf. Lc 10,29-37). É papel do acompanhante ou diretor espiritual, portanto, ajudar aqueles a quem acompanha a não reduzirem esse momento apenas à busca da própria santificação pessoal ou solução de seus problemas espirituais e existenciais, transformando a religião numa espécie de fetiche e analgésico, sem aquele senso crítico, apostólico e profético próprio da fé cristã, sempre preocupada com a promoção integral da pessoa humana.

Requisitos necessários para ser um bom acompanhante espiritual

No nível espiritual

- *Vida espiritual*: o acompanhante espiritual deve esforçar-se para aprofundar sempre mais a sua união intensa com Jesus Cristo, deixando-se guiar pelo Espírito Santo em sua vida interior e exterior. Uma intensa vida de oração pessoal e uma relação pessoal com Jesus são *conditio sine qua non* para um eficaz serviço de acompanhamento espiritual.
- *Experiência pessoal*: é fundamental que haja na história daquele que exerce o acompanhamento espiritual uma verdadeira experiência de acompanhamento espiritual “passiva” (enquanto recebida) e “ativa” (enquanto dada), para poder desenvolver com proveito o seu ministério e ser capaz do discernimento espiritual. Essa experiência deve vir acompanhada de momentos de estudo, de reflexão, de releitura atenta da própria experiência e da de outros.

No nível humano-pastoral

- *Acolhida e escuta*: a pessoa acompanhada deve sentir-se acolhida na sua situação concreta. Do acompanhante

espiritual espera-se, portanto, um comportamento amoroso, amigável, generoso, atencioso, misericordioso, que inspire confiança e sinceridade, além de serenidade e responsabilidade. Deve, também, ser capaz de escutar sem julgar apressadamente, fazendo com que a pessoa sinta-se estimulada a abrir a própria consciência.

- *Respeito*: nessa relação de ajuda, o acompanhante deve ser respeitoso com a ação e com o projeto eterno de Deus e também com a dignidade da pessoa do *acompanhado*, reconhecendo a liberdade de consciência, a autonomia, a unicidade e a responsabilidade deste.
- *Humildade*: o acompanhante deve fazer-se instrumento e colaborador do Espírito Santo. E deve recordar que a maturidade humana e espiritual é sempre gradual, de modo que somente na humildade, na esperança e na caridade o acompanhante espiritual será capaz de acolher a pessoa concreta.
- *Prudência*: qualidade humana fundamental, que abre ao dom sobrenatural dos dons do *conselho* e da *prudência*, recebidos do Espírito Santo. Associada à capacidade do discernimento espiritual, a virtude da prudência ajuda o acompanhante a reconhecer a ação do Espírito na pessoa acompanhada e a guiá-la, de acordo com as suas condições humanas e espirituais, nas vias do Senhor, discutindo silenciosamente com Deus, na oração, as situações às quais é chamado a levar luz para que se evidencie para a pessoa que acompanha a vontade divina, sem deixar-se levar pela pressa.
- *Maturidade afetiva*: o acompanhante espiritual não poderá ser prudente e não conseguirá fazer um bom discernimento se não possuir a maturidade afetiva que o deixe livre diante da pessoa que acompanha e das situações com as quais terá de lidar.

No nível intelectual

- *Ciência*: os dons naturais e aqueles concedidos pela graça ao acompanhante espiritual precisam ser desenvolvidos

por meio de uma preparação intelectual, que envolva a formação teológica (bíblica, dogmática, moral, pastoral e espiritual) e o conhecimento das ciências humanas (especialmente da psicologia e da pedagogia).

Defeitos a evitar

A partir do que foi dito até agora, estamos em condição de destacar algumas falhas que podemos e devemos evitar em nosso serviço pastoral do acompanhamento espiritual:

- O não encontrar tempo para uma boa preparação prévia a esta missão, caindo na improvisação.
- O não nos dedicarmos de “corpo e alma” ao acompanhamento que estamos fazendo, muitas vezes por assumirmos coisas além da nossa capacidade.
- O repetir sempre os mesmos esquemas em todos os acompanhamentos, sem adaptarmo-nos às situações das pessoas por nós acompanhadas e sem renovar o nosso próprio discurso.
- A excessiva distância em relação ao acompanhado, deixando transparecer pouco interesse e atenção.
- O estar excessivamente próximos do acompanhado, diminuindo a sua liberdade e privacidade para decidir.
- Assumir um caráter “professoral” durante o acompanhamento espiritual, sendo prolixos ou polêmicos no discurso usado, querendo a todo custo mostrar “cultura” ou “converter” a espiritualidade alheia.
- Não acompanhar com a própria oração o acompanhado, esquecendo-nos de que somos apenas um instrumento daquele que é o verdadeiro e único diretor e guia espiritual de nossas vidas.

Conclusão

De tudo o que se viu até aqui, fica evidente o quanto, para o exercício do acompanhamento espiritual, são necessários dons pessoais e uma correspondente e adequada formação.

Por causa de sua natureza – é obra do Espírito Santo – e do quanto penetra no mais íntimo da pessoa acompanhada – o coração e a consciência –, trata-se de um ministério que requer, antes de mais nada, um certo *carisma*, que se exprime em dons naturais e de graça. Contudo, uma vez que pede também uma certa *técnica* para ser bem executado, o acompanhamento espiritual necessita do mesmo modo ser cultivado, aperfeiçoado e amadurecido por meio de uma formação inicial e permanente.

Santo Inácio de Loyola escreveu que aquele que acompanha outros nos *Exercícios espirituais* deve *conhecer a alma* dos seus acompanhados, sem desejar saber os seus pensamentos ou pecados, mas sendo capaz de interpretar as agitações e os movimentos espirituais do seu coração. É indispensável, portanto, que o acompanhante conheça a *natureza* do seu acompanhado e que este se deixe conhecer. Diante dos enganos a que estamos expostos na vida espiritual, a presença do acompanhante espiritual nos dá segurança para sabermos bem interpretar – *discernir* – aquilo que se passa no nosso interior, visando encontrar a vontade de Deus e progredir na vida segundo o Espírito.

Trata-se, portanto, de uma relação diferente daquela estabelecida entre o professor e o aluno, ou da existente entre o superior e o súdito, o confessor e o penitente, o terapeuta e o seu cliente. Na verdade, quando nos dispomos a acompanhar alguém na sua caminhada espiritual, significa que nos engajamos em um serviço de ajuda espiritual em que se estabelece uma relação original entre diretor/accompanhante e dirigido/acompanhado, na qual tanto um como outro buscam, acima de tudo, cooperar com a ação divina, uma vez que tudo é, afinal, obra da graça.

Bibliografia

- COSTA, Maurizio. *Direzione spirituale e discernimento*. Roma: Apostolato della Preghiera, 2002.
- DANIÉLOU, Jean. La direction spirituelle dans la tradition ancienne. *Christus* 153 (hors-série), Paris, 1992.

- JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata_po.html>.
- PAULLOVI. *Optatam Totius*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html>.
- _____. *Perfectae Caritatis*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html>.
- LIBANIO, João Batista. *A escola da liberdade. Subsídios para meditar*. São Paulo: Loyola, 2010.
- LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos da filosofia III. Filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PEREIRA, William Cesar C. *A formação religiosa em questão*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PLATOVNJAK, Ivan. *La direzione Spirituale oggi. Lo sviluppo della sua dottrina dal Vaticano II a Vita Consecrata*. Roma: PUG, 2001.
- RENDINA, Sergio. *La pedagogia degli esercizi*. Roma: Apostolato della Preghiera, 2002.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais os aspectos destacados pelo texto sobre o acompanhamento espiritual que mais me chamaram a atenção?
2. Como avalio a minha experiência de acompanhante ou acompanhado(a) espiritual à luz das características apontadas pelo texto sobre essa mediação? Onde percebo convergência? Onde noto lacunas?
3. Como preparar-nos melhor para exercer a importante missão de ser acompanhantes espirituais de outros em nossa realidade hoje?

GILDÁSIO MENDES, SDB*

Introdução

“*Diga a esta geração: avance!* [...] qualquer que seja o ponto a que tenhamos chegado, continuemos na mesma direção [...] *de olhos fixos em Jesus.*” Esse é um dos primeiros e fundamentais focos propostos pela XXII Assembleia Geral Eletiva da Conferência dos Religiosos do Brasil, anunciado oficialmente para os religiosos e as religiosas do Brasil pela Irmã Márian Ambrosio, idp, presidente nacional da CRB.

Gostaria, a partir desse lema e desafio para todos nós, religiosos(as), refletir sobre as novas mídias e a vida comunitária. Qual a geração que estamos convidando para fixar os olhos em Jesus? Quais as novas percepções, atitudes e valores dos usuários das novas tecnologias (internet, e-mails, Orkut, Facebook, celulares, You Tube e outras)? Considerando, nesta reflexão, que a verdadeira mudança que está acontecendo na sociedade atual não é tecnológica, mas humana, até que ponto o crescente uso das novas tecnologias e da internet na vida comunitária é um convite para relacionamentos mais profundos, para a expressividade mais realista e sincera dos aspectos da subjetividade humana e da busca da vivência mais autêntica e radical dos valores evangélicos da Vida Religiosa?

O fenômeno internet e a transformação cultural

Vários pensadores (Martín-Barbero, 1997; Castells, 2007; Tapscott, 2010; Semprini, 2006; Oliveira, 2009; Morace,

* **Padre Gildásio Mendes** é salesiano da Inspetoria de Campo Grande-MS. Doutor em Comunicação pela Wayne State University, Michigan-USA, membro do Comitê Internacional para Estudos de Comunicação “Communication without Borders”, membro da ICA – International Communication Association, da SOSSI – The Society for the Psychological Study of Social Issues e da NCA – National Communication Association. Atualmente, assessora a CNBB na área de comunicação.
E-mail: gildasio@ucdb.br.

2009; Bauman, 2010) sugerem que estamos vivendo uma grande mudança de época. A Igreja, através do Magistério, tem confirmado que, de fato, vivemos grandes mudanças culturais, sociais, nesse momento da história. Alguns termos têm sido escolhidos pela Igreja para definir essas mudanças. Por exemplo, os termos “mudança de época” e “nova época” (*Novo Millenio Ineunte e Documento de Aparecida*) “os novos tempos” (*Santo Domingo*), “nova cultura”, “cultura midiática”, “aldeia global”, “grandes areópagos” (João Paulo II, *Igreja e internet e Ética na internet*).

O Papa Bento XVI, na sua mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais, para junho de 2011, com o tema “Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital”, afirma claramente a profunda transformação que a internet tem realizado na vida cultural e social das diversas sociedades e culturas.

Bento XVI diz que a difusão da comunicação através da internet é fenômeno característico do nosso tempo. Ele se refere ao fenômeno da internet como uma nova revolução.

Vai-se tornando cada vez mais comum a convicção de que, tal como a Revolução Industrial produziu uma mudança profunda na sociedade através das novidades inseridas no ciclo de produção e na vida dos trabalhadores, também hoje a profunda transformação operada no campo das comunicações guia o fluxo de grandes mudanças culturais e sociais.

O Papa afirma que essas transformações profundas no campo da comunicação e das novas tecnologias não são passageiras nem superficiais, elas atingem o tecido das relações humanas e as plataformas das estruturas sociais e culturais.

As novas tecnologias estão mudando não só o modo de comunicar, mas a própria comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que estamos perante uma ampla transformação cultural. Com este modo de difundir informações e conhecimentos, está nascendo uma nova maneira de aprender e pensar, com oportunidades inéditas de estabelecer relações e de construir comunhão.

O Magistério da Igreja reconhece a profunda mudança que a internet e novas redes estão causando na vida social, política e cultural das sociedades. Portanto, podemos afirmar que a internet e os novos modos de comunicar estão mudando também o modo de se relacionar dentro da Vida Religiosa.

O impacto da internet na vida comunitária

Recentemente, alguns formadores do período de Noviciado, Juniorato, Filosofia e Teologia apresentaram, em uma reunião de que participei, sérias preocupações em relação à influência das novas tecnologias na vida comunitária, no relacionamento dentro e fora do ambiente religioso. Citaram, por exemplo, a questão da dependência da internet, o tempo excessivo que religiosos e religiosas gastam na rede, o contínuo interromper das atividades comunitárias por causa do uso excessivo do celular e outras mídias, a exposição da privacidade do(a) religioso(a) no universo da internet, o impacto das novas tecnologias na vida de oração, na afetividade e na própria perseverança do(a) religioso(a) na Vida Religiosa.

Para tentarmos compreender alguns aspectos da natureza e das manifestações dessas questões, apresento alguns, relacionados com as chamadas novas gerações, suas novas linguagens e suas novas atitudes em relação às pessoas e à sociedade.

A dinâmica das gerações

Embora a definição e caracterização de uma geração seja algo qualitativa e quantitativamente difícil de ser determinado com exatidão em uma sociedade complexa social e culturalmente, alguns estudiosos sugerem que o fenômeno da internet, as novas mídias e as redes sociais representam o nascimento de uma nova geração. Alguns a chamam de geração Y, a geração que cresceu com os computadores e a internet.

Cada geração vive suas conquistas e desafios, seus dramas e alegrias. Sabemos, por experiência, que cada época, com suas mudanças sociais, políticas e econômicas, leva as pessoas a reverem certas escolhas, conceitos e atitudes em relação à vida e à sociedade.

Tomemos o exemplo do grande impacto psicológico, social, econômico e político da Segunda Guerra Mundial, ou o período de ditadura no Brasil, na vida de milhares de pessoas, de religiosos, de padres e de lideranças leigas. Quantas histórias de pessoas marcadas pelos sofrimentos, pelas perseguições, pelas tensões entre o desejo de liberdade e a perseguição política, entre a escolha de participar democraticamente da sociedade e as normas de controle do Estado da época. No contexto de novos apelos sociopolíticos da América Latina, muitos(as) religiosos(as) fizeram uma *re-leitura* do próprio carisma e repensaram a vida comunitária e apostólica. As variáveis das mudanças sociais e culturais são uma realidade constante e dinâmica da vida e das relações humanas.

Oliveira (2009) e Tapscott (2010), analisando os problemas sociais e políticos das décadas de 1940-1960 na perspectiva das gerações, sugerem que as pessoas que viveram as atrocidades da guerra, as mortes, e sofreram ameaças em relação ao futuro, valorizavam profundamente o sentido de família, o estudo e o trabalho. Depois da Segunda Guerra Mundial, milhões de famílias reconstruíram com muito sacrifício e disciplina suas vidas, seus sonhos e seus bens materiais. Quantos homens e mulheres enfrentaram guerras, revoluções, lutas políticas motivados pela sobrevivência, pelo espírito de sacrifício para trabalhar, pelo senso de parcimônia, pela dedicação incansável ao estudo e à busca de melhoria de vida. Nesse período, a disciplina foi uma virtude básica, a obediência à autoridade era algo natural e necessário, e estudar para ter um diploma era uma exigência para qualquer pessoa que quisesse crescer pessoal e profissionalmente.

Quando analisamos o papel que os meios de comunicação tiveram para essas gerações, percebemos que cada geração

teve mais ou menos uma influência no seu modo de pensar e agir através de meios como o rádio, a televisão, o cinema.

Para as gerações das décadas de 1940–1960, o rádio foi o meio primordial para as pessoas acompanharem o que estava acontecendo na política, na economia, nos esportes, no mundo da música e da notícia. Por exemplo: através dos rádios, compositores e artistas divulgavam suas mensagens, seus protestos, mobilizavam multidões em torno de uma causa. No Brasil, sabemos o que as músicas de Caetano Veloso, Chico Buarque, Geraldo Vandré representaram em termos de mobilização e protesto contra sistemas. As músicas dos Beatles, tocadas em rádios espalhadas pelo mundo, influenciaram homens e mulheres de várias culturas e nações. A mídia tem um papel importante na mobilidade e nos processos de organizações de grupos e mudanças sociais de uma sociedade.

A revolução cultural da década de 1960

Com a revolução cultural da década de 1960, temos uma reação ampla, seja no nível político, seja no cultural, que se espalhou sobretudo na Europa e nas Américas. Foram os famosos anos rebeldes (os comportamentos liberais: sexo, fumo, cabelos compridos, roupas justas), caracterizados por um certo sentimento de ceticismo e vulnerabilidade em relação às autoridades políticas e militares. Alguns acontecimentos nesse período expressam a mentalidade de protesto, insatisfação e tensão política e social. Por exemplo: a Guerra do Vietnã, os assassinatos de Kennedy e Martin Luther King, o *Watergate*, os movimentos contra a ditadura no Brasil, o radicalismo dos movimentos artísticos e culturais, o movimento *hippie*, a chegada da pílula anticoncepcional, o movimento paz e amor.

Nesse período existia a tendência de valorizar as pessoas, seus anseios e crenças, mais que a instituição, as autoridades e as normas regentes da sociedade. A televisão tornou-se, nesse período, o centro das atenções, seja pelo poder das imagens, da capacidade de apresentar cenas ao vivo,

seja pela diversidade de programas, como filmes, shows ao vivo, esportes, documentários, entrevistas. Essas tendências de valorização da subjetividade e a busca de mudanças nos diversos segmentos da sociedade, atingiram também a comunidade religiosa, no modo de socializar os problemas da vida comunitária, no repensar o poder na Vida Religiosa como serviço, nas buscas de novos métodos pastorais e educacionais para escolas, paróquias, obras sociais e casas de formação.

No âmbito eclesial, depois do Concílio Vaticano II houve grandes transformações na Vida Religiosa. Medellín e Puebla tiveram uma grande influência no conceito de Vida Religiosa Inserida, na opção pelos pobres e no testemunho profético no meio da sociedade. Essas tensões que citamos anteriormente também tiveram suas repercussões dentro da Vida Religiosa e na vida comunitária.

Junto com essas transformações sociopolítico-religiosas, emergiam também modelos de comunicação. Quem eram os agentes criadores e divulgadores de mensagens na televisão, no rádio, no jornal? A influência, seja em nível nacional, seja em nível internacional, das grandes empresas e grupos mercadológicos no setor de marketing e problemas relacionados com a política e ética na comunicação eram questões fundamentais discutidas nas escolas, nos cursos de comunicação, nas comunidades de base e grupos juvenis. A partir do final da década de 1990, sobretudo com o nascimento e a expansão da internet, surge um novo modelo de comunicar, com novos atores e novos estilos de relacionar. Cada modelo de sociedade traz consigo um modelo comunicativo.

O modelo de comunicação da geração rádio e da geração internet

Até o início da década de 1990, quando falávamos em comunicação, a primeira ideia era televisão, rádio, jornal, revista, cinema. A comunicação caracterizava-se ainda pela centralização da empresa que detinha o controle das

tecnologias, dos canais, do emissor, e da mensagem. Sobre tudo através da televisão, do rádio e do jornal, a comunicação estava centrada no eixo emissor-meio-mensagem-receptor. Antes da popularização da mídia digital e do avanço da internet, a tecnologia, por si, facilitava enormemente o emissor que produzia e transmitia a mensagem. Um jornalista escrevia suas ideias e o leitor não tinha tantas opções de opinar sobre o que era publicado. Diferentemente, como veremos, com as mídias digitais, a popularização da internet tem favorecido outro tipo de relação das pessoas com a mensagem e com o emissor. As empresas de comunicação tinham um relacionamento mais vertical e hierárquico, seja dentro dos seus ambientes de criação e produção de mensagens, seja do contato das emissoras com seu público.

Com a chegada das novas tecnologias, com o ciberespaço, com novos processos comunicativos mais abertos, mais interativos e participativos, iniciou-se uma grande mudança nos paradigmas das relações sociais, do modo de produzir uma mensagem, de escutar uma música, de publicar uma mensagem na internet, de organizar uma rede de comunicação no âmbito mundial. A internet inaugura um novo modelo de comunicação, mais aberto e interativo, mais envolvente e participativo. Isso não quer dizer que os modelos verticalizados de comunicação foram eliminados, mas eles passam por grandes transformações. Essas mudanças estão acontecendo a partir dos novos autores e atores da chamada geração internet.

O nascimento de uma nova geração

Os nativos da internet fazem parte de uma grande mudança cultural, pela qual as sociedades passam neste momento da história. Estes novos tempos, ou esta nova época, têm sido profundamente influenciados pelas chamadas novas tecnologias. A geração internet (ou nativos da internet) vive e cresce dentro dessa nova mentalidade e desse *modus vivendi*. Este novo ambiente marcado pelas tecnologias e relacionamentos, códigos, linguagens e interações é chamado

de cultura midiática (Martín-Barbero, 1997). Tal conceito está relacionado com a ideia de que as pessoas, através das novas mídias, criam novos processos de relacionamentos, estabelecem novos meios de produção e acesso ao conhecimento, constroem redes de interatividade entre as pessoas para promover mudanças socioculturais na sociedade em geral. As gerações Y e Z são os filhos nativos e imersos na cultura midiática.

Autores atuais, como Tapscott (2010) e Oliveira(2009), denominam os filhos e as filhas da geração digital de Geração Y. Tapscott define a Geração internet (Y) como as pessoas nascidas de 1977 a 1997.

A internet é, sem dúvida, um dos fatores de maior incidência na mudança de comportamento e atitudes das novas gerações. Alguns autores sugerem que a internet e as novas tecnologias de informação inauguraram uma nova revolução na história, assim como aconteceu com a Revolução Industrial. A geração que iniciou essa nova era é chamada de Geração Y.

Os membros da Geração Y

As pessoas que fazem parte da Geração Y, diferente das de outras gerações, conviveram com o divórcio, com um novo conceito de família, na qual a mãe teve de sair para trabalhar, para competir e ganhar espaço na sociedade. As pessoas aprenderam a lidar com a inovação e a competitividade. Com novas possibilidades de contatos via internet, criaram seus grupos de interesse para discutir amor, amizade, família, trabalho, política e viagens. Para elas, a utilização do computador e da internet para estudo e pesquisa é indispensável.

Através da internet, os membros da Geração Y estabelecem relacionamentos on-line com pessoas de várias nações, acompanham os acontecimentos políticos, econômicos e sociais, seja em nível local, seja em nível internacional. Imerosos em um universo de muita informação, eles gostam de questionar livros tradicionais das escolas, as informações das

mídias, de comparar preços de mercadorias e de ver o mundo talvez com mais flexibilidade e questionamento. Diferentemente de outras gerações que vivenciaram revoluções, guerras, movimentos radicais, essa Geração tem uma visão democrática e pacífica diante da vida e da sociedade. Não querem revolução política. Querem um estilo de vida mais simples, vivencial, seguem valores percebidos, não gostam de representações (política, religiosa, social). Querem fazer experiência e acreditam naquilo que é autêntico e real.

Por causa do contato com um universo imenso de informações nos milhões de sites disponíveis, sentem que têm liberdade e poder para escolher as informações que são úteis. Eles são críticos dos padrões tradicionais da sociedade, da família, da política e da Igreja, sentem uma grande dificuldade em entender conceitos abstratos e morais sobre vida, felicidade e vocação.

Os membros mais recentes da Geração Y, quando procuram uma empresa para trabalhar, investigam antes sobre os princípios e as oportunidades futuras que a empresa lhes oferece. No trabalho, gostam de entretenimento, de inovar e se relacionar com os colegas, buscando a criatividade e o senso de cooperação. Com esse espírito colaborativo, estão naturalmente tecendo as novas redes sociais, utilizando o Orkut, o Facebook, o Twitter, o You Tube e outras redes para expandir seus relacionamentos e interesses.

Os membros da Geração Y gostam de viver o momento presente e experimentar a vida e os relacionamentos com intensidade, por isso acreditam nos valores percebidos, naquilo que leva à experiência, ao vivencial. Por causa da fragmentação e da fragilidade que eles vivem no dia a dia, aprendem a ser colaboradores, compreensivos e interativos.

Os membros da Geração Z

Os jovens e adolescentes que também fazem parte da Geração Y, filhos dos pais que iniciaram usando os primeiros computadores, que viram o crescimento da internet, que foram os primeiros nativos da internet, têm atitudes

cada vez mais definidas dessa geração e até mais radicais. Tapscott (2010) chama essa geração de Geração Z, os nascidos de 1997 até o momento presente. Evidentemente, essa data divisória de geração é flexível. O que importa é saber que estamos diante de uma nova geração, onde pais e filhos cresceram e vivem hoje imersos no mundo das novas tecnologias.

De acordo com Tapscott (2010), os membros da Geração Z são iniciadores, colaboradores, organizadores, leitores, escritores, autenticadores, estrategistas ativos (no caso dos videogames). Não apenas observam, eles participam, perguntam, discutem, argumentam, jogam, compram, criticam, ridicularizam, fantasiam, procuram e informam. Tapscott (2010), na pesquisa que fez com dez mil jovens sobre a nova geração digital, classificou a Geração Z como aqueles que querem liberdade em tudo o que fazem, da liberdade de escolha à liberdade de expressão.

Os membros da Geração Z procuram dar um toque pessoal a tudo o que fazem, seja na escolha dos estilos de celulares, na seleção de músicas e filmes que eles descarregam da internet, no estilo de vestir. Atentos ao que acontece a seu redor, investigam o mundo político, o que acontece com os artistas de que eles gostam, criam blogs para dar opiniões, enviam mensagens de elogio ou protesto contra decisões políticas e ambientais que estão diretamente ligadas a eles.

Evidentemente, essas Gerações, expostas ao universo ilimitado e incontrolável da internet, têm grandes desafios com os problemas da segurança, da privacidade e da possível dependência exagerada das novas mídias. Além disso, cresce a preocupação com o excesso de informação a que essas novas gerações estão expostas e a consequente dificuldade que apresentam para transformar essas informações em conhecimentos e formação.

Com a chegada da internet e das redes sociais, o conceito de comunidade está mudando rapidamente.

O novo conceito de comunidade na era das novas mídias

Tradicionalmente, a comunidade é vista como o conjunto de pessoas geograficamente situadas e organizadas em estruturas de família, bairro, rua, grupos e agremiações, sustentadas socialmente por vínculos afetivos e sentido de pertença. As tradicionais reuniões de grupos de jovens, de encontro de lideranças para momentos de reflexão, partilha, formação e estudos sempre seguiram os padrões de um lugar específico, em um endereço geograficamente definido. Com a sociedade da informação e das redes sociais, um novo tipo de comunidade está surgindo a partir dos membros da Geração internet e de suas redes sociais.

Através das redes sociais, as pessoas estabelecem laços de proximidade além do espaço geográfico delimitado socialmente e criam relacionamentos de intimidade sem proximidade física. Através da comunicação virtual, a velocidade quebra as barreiras geográficas e a interatividade favorece um modo ativo e participativo de relacionar, abrindo os contatos para pessoas distantes através das chamadas redes sociais.

As redes sociais se caracterizam por pessoas que compartilham de algum objetivo em comum através da interatividade elástica, fluida, rápida e flexível em diversos níveis das redes de relacionamento, como Facebook, Orkut, Twitter, Tymi, My Space e redes profissionais (LinkedIn) ou comunitárias, ONGs, grupos de interesse. Em geral, os membros de uma rede social têm como interesse a partilha de informações, a troca de conhecimentos e dados para a utilização de seus membros. As redes sociais inauguram um novo modo de relacionar entre os grupos on-line, os subúrbios virtuais, os movimentos políticos e sociais em rede. Através das novas tecnologias, as redes sociais vão-se ampliando, amadurecendo e fortificando, em muitas situações tornando-se verdadeiras comunidades onde vínculos entre as pessoas se tornam reais, como nos relacionamentos físicos tradicionais.

Para os(as) religiosos(as) que vieram nos últimos dez anos para a Vida Religiosa, ou que entraram mais recentemente nas casas de formação, com uma mentalidade nova em relação aos usos dessas novas tecnologias e redes sociais, qual a influência dessas novas mídias na vida comunitária e no modo de eles(as) se relacionarem com outros(as) religiosos(as) de gerações mais antigas?

O impacto das novas mídias na vida de comunidade religiosa

Recentemente, estive em Roma para ministrar uma palestra sobre a influência das mídias na formação de religiosos e religiosas. Participaram formadores(as) de várias nações. Embora tenhamos poucos dados e estudo sobre a influência das novas mídias nos(as) religiosos(as) e futuros(as) religiosos(as), gostaria de fazer algumas afirmações e tecer alguns comentários sobre este tema importante para todos nós.

Em geral, os(as) religiosos(as) que estão chegando para entrar na Vida Religiosa são nativos(as) da internet. Os(as) religiosos(as) que em geral estão nos Aspirantados, Noviciados, Juninter, no período de Filosofia e Teologia, são membros das novas gerações que têm crescido dentro deste novo universo de novas mídias e redes. Tais religiosos(as), em geral, e podemos ter várias exceções (seja pela questão da exclusão digital, seja por falta de interesse, seja por políticas formativas), têm uma percepção diferente da vida, dos relacionamentos, das oportunidades pessoais e profissionais. Eles(as) se comunicam através de nova linguagem (hyperlink), se relacionam através da interatividade e estão sempre buscando novas linguagens para se comunicar. Valorizam a subjetividade. Querem experiências profundas e relacionamentos verdadeiros.

Esses(as) religiosos(as) enfrentam novas questões que precisam ser mais aprofundadas na formação e na Vida Religiosa, como o uso da mídia e a subjetividade; a busca e a expressão do estético e a cibercultura; a interseção entre expressões culturais, como a música, a dança, a culinária, a

religiosidade e a linguagem das mídias. Os(as) religiosos(as) nativos(as) da internet têm novas motivações e novos estilos para reunir-se, discutir problemas sociais e políticos, catequizar e evangelizar. Eles(as) querem investir nos próprios talentos e acreditam na fraternidade da vida comunitária. Têm mais dificuldades que outras gerações para tomar decisões definitivas.

Evidentemente, existem religiosos(as) de qualquer idade – até mesmo aqueles(as) que têm sessenta, setenta ou mais anos – que sabem usar as novas tecnologias, estão em redes e sabem muito bem dialogar com as novas gerações. Do mesmo modo, existem religiosos(as) jovens que têm dificuldades para usar as novas mídias e expressar com profundidade o que sentem, pensam e desejam realizar na própria vida e vocação.

Diante da questão da complexidade das relações humanas e do uso das novas tecnologias na vida comunitária, sugiro algumas orientações que podem ajudar no diálogo e compreensão dos(as) novos(as) religiosos(as) que entram na Vida Religiosa (os membros da Geração internet) com aqueles(as) que já estão na Vida Religiosa há mais tempo e que buscam maior interatividade e diálogo com as novas gerações de religiosos(as).

O que a Vida Religiosa pode aprender com as novas gerações

A verdadeira mudança que está acontecendo na sociedade atual não é tecnológica, mas humana. Os próprios fundadores e mentores da chamada Era da Informação acreditam que o que está acontecendo não é uma revolução digital, tecnológica, mas relacional, uma mudança dos valores, novos estilos de vida e a busca pelas experiências e valores percebidos. Portanto, a pergunta que podemos fazer é: o que a vida comunitária pode aprender, e como pode renovar-se com as novas tendências e com os novos anseios das novas gerações?

A força de comunicação dos valores intangíveis

As novas gerações sentem-se atraídas pela busca dos valores intangíveis (o amor, a felicidade, a alegria, a fraternidade, o sentido de pertença). Os valores intangíveis são as fontes de inspiração e referência de toda comunicação e de toda mídia. Estudos na área das novas tendências (hábitos e escolhas) têm mostrado evidências de que as pessoas buscam informações que respondem a seus desejos e expectativas em relação a esses valores intangíveis. Se olharmos a força da transmissão do esporte, do carnaval, das grandes celebrações de piedade popular, das romarias, dos grandes shows musicais, percebemos que as pessoas buscam na mídia a identificação ou a resposta para certos valores intangíveis. A contínua busca dos rituais e das práticas religiosas, o compromisso com a vida cristã, o desejo pelo sagrado e pela oração, a procura pelo sentido de pertença a uma comunidade cristã, o serviço aos outros são motivados pelos valores intangíveis.

Por isso, para entendermos os novos atores e autores das novas tecnologias em uma casa de formação, é necessário um discernimento e uma verificação mais atenta e acurada desses valores intangíveis expressos, por exemplo, no modo de as pessoas se vestirem, escolherem um tipo de música, de amizade, de oração, de serviço aos outros, de culinária, de vida de fraternidade, de cuidar da saúde.

A força de comunicação dos valores percebidos

O termo “valor percebido” é utilizado hoje pelo marketing para fazer uma avaliação da percepção do que é recebido e do que é dado ao consumidor. De acordo com esse princípio, pode-se verificar os benefícios e os sacrifícios de um valor. Na área do marketing, o valor percebido é associado com qualidade, benefícios, sacrifício e satisfação das pessoas. A ideia básica é que a qualidade de serviços prestados deve ir ao encontro das necessidades das pessoas, que

esses serviços não são importantes em si mesmos, como no caso de um produto, mas devem favorecer a experiência e o interesse das pessoas.

Para os(as) nativos(as) da internet, é fundamental viver com intensidade as experiências da vida. Os valores conceituais, como respeito, justiça, solidariedade, amor, são difíceis de ser compreendidos racional e logicamente pela Geração internet. Ela não aceita mais as representações das realidades da vida, da política, do institucional. Ela procura e acredita nos fatos e nas experiências testemunhais que falam por si. Ela acredita e se envolve quando a experiência tem apelo, pode criar laços de relacionamento e levar a resultados visíveis e sensíveis. Essa Geração busca o que é tangível, o que é confiável, o que é responsável, o que dá segurança, conforto e empatia.

A força de comunicação da experiência vital

Os(as) nativos(as) da internet seguem os apelos das realidades que envolvem interatividade, envolvimento, *autorship* (querem ser autores do que fazem), e vivem com intensidade as relações. Semelhante à busca dos valores percebidos, querem fazer a experiência profunda do encontro com Deus, da vida comunitária, da vivência do amor fraterno, da dedicação radical aos outros. A experiência vital torna-se fonte de revitalização e motivação para viver, amar e ser fiel a um projeto de vida.

A força de comunicação da inventividade solidária

O conceito de compromisso social é percebido pela Geração internet a partir da subjetividade e do espírito inventivo. Morace (2009), em um estudo com tendências de jovens de vários continentes e culturas, conclui que “as novas tecnologias permitem uma explosão espontânea das unicidades criativas”. Para ele, as pessoas estão apreendendo a “preencher” com conteúdos “biográficos” e com os “próprios” talentos o

espaço que a rede propõe ao(à) usuário(a), para depois transferi-los para a vida real, especialmente no seu modo de se relacionar, trabalhar e ser solidário(a). Fatos como a campanha presidencial de Barack Obama – organizada pelos jovens através das redes sociais –, as campanhas de solidariedade realizadas pelos(as) internautas para ajudar pessoas vítimas do terremoto no Haiti e a mais recente organização política de massa no Egito para mudança de governo demonstram que o uso das redes sociais têm sua força social e solidária. Para esta nova geração, o compromisso social é motivado pela ação conjunta e solidária a partir do poder que os(as) nativos(as) da internet têm quando usam as novas redes sociais. Dificilmente veremos os(as) nativos(as) da internet marchando pelas ruas com faixas de protesto ou reunindo-se em grupos para discutir política no estilo das décadas de 1980-1990. Eles(as) estão aprendendo a usar as redes para fazer política e ações solidárias.

A força de comunicação da experiência do Mistério

Os membros da Geração internet não deixaram de acreditar. Pelo contrário, acreditam em Deus. Buscam o sagrado. Gostam das atividades religiosas que valorizam o afetivo, o simbólico, que leva à experiência vital, ao estar juntos com os outros, ao senso de aventura, da originalidade da experiência com o Mistério. Esse retorno ao simbólico e afetivo não significa para eles uma negação da racionalidade. Talvez busquem com mais clareza as relações sistêmicas e complexas. As gerações Y e Z estão valorizando a espiritualidade, a corporeidade, a saúde, o tempo livre, o lazer, a família e o compromisso com o outro.

A força de comunicação do testemunho na Vida Religiosa na Igreja

Os(as) fundadores(as) de Congregações religiosas foram inovadores(as). No momento em que a Igreja historicamente

perdia a força carismática de renovar sua linguagem e seu apelo de evangelizar, os(as) fundadores(as) traziam o novo, reinventavam o modo de apresentar o Evangelho, corajosamente abriam novos horizontes de renovação da Vida Religiosa através de novas redes de ação. Os(as) fundadores souberam *re-inventar* a linguagem da proposta evangélica, talvez mais simples, direta, mostrando os valores percebidos na vivência dos conselhos evangélicos, no seguimento radical de Jesus Cristo, na vivência da liturgia, na simplicidade da vida comunitária e no serviço autêntico aos mais necessitados.

Os valores do Evangelho e a proposta cristã continuam atuais para os membros da geração das novas tecnologias e da internet. Os(as) novos(as) religiosos(as) que fazem parte da Geração internet têm uma visão nova da vida, da *sequela Christi*, dos valores da vida comunitária. Os(as) religiosos(as) que estão chegando nas fases de formação da Vida Religiosa trazem as características da própria geração. Acolhê-los(as), interagir com essa geração, aprender e caminhar com eles(as) é um gesto de fidelidade aos novos tempos, às novas gerações, à cultura e à história.

Inculturar-se na era das novas tecnologias e da internet é uma exigência e um desafio. Compreender e acolher as novas gerações com seus anseios e inquietações profundos é uma missão para todos nós.

O lema da CRB “*Diga a esta geração: avance! [...] de olhos fixos em Jesus*” é convite para que acreditemos nas novas gerações. Usar as novas mídias e as novas redes na casa religiosa é muito mais que adotar novas tecnologias. É caminhar com os tempos. É ser fiel à mensagem cristã e à Igreja.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BENTO XVI. *Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html>.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. v. I.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações; comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MORACE, F. *Consumo autoral*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- OLIVEIRA, S. *Geração Y, era das conexões*. São Paulo: Clube dos Autores, 2009.
- PONTIFÍCIO Conselho para as Comunicações Sociais. *Igreja e internet*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html>.
- SANTOS, G. M. *A realidade do virtual*. Campo Grande: Editora UCDB, 2001.
- SEMPRINI, A. *A marca pós-moderna. Poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea*. Barueri: Estação das Letras, 2006.
- SERRANO, D. P. Disponível em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao_X_Geracao_Y_Geracao_Z.htm>.
- SODRÉ, M. A interação humana atravessada pela midiaticização. Entrevista à *IHU On-line*, revista do Instituto Humanistas Unisinos, São Leopoldo, n. 289, p. 7, abr. 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2476&sec=289>.
- TAPSCOTT, D. *A hora da geração digital*. São Paulo: Agir, 2010.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Identifique os próprios valores de sua geração (estilo de estudo, modo de rezar, pastoral, relacionamento fora da casa religiosa, hábitos, apreciação de música, esportes), ao mesmo tempo identifique os valores das novas gerações (gerações Y e Z) e sugira quais atitudes um(a) religioso(a) deve ter para estabelecer um diálogo e vivência de unidade fraterna nas diferenças de gerações dentro de uma mesma comunidade/província.
2. O que uma comunidade religiosa, composta de pessoas de várias idades e diferentes gerações, pode fazer para organizar um projeto de evangelização considerando as linguagens e novas tecnologias da Geração internet?
3. Como apresentar aos jovens, a partir das forças do valor percebido, da experiência vital, da força da inventividade e da força do Mistério, a Palavra de Deus e a proposta da Vida Religiosa para as novas gerações? Como envolvê-los em uma pastoral vocacional em que sintam o apelo do chamado de Jesus Cristo a serviço da Igreja nos dias de hoje?